

Palmeira d'Oeste histórias e causos

coletânea multiautoral

Hermenegildo Jose Ferreira



**Editora
Casa
Ferreirinha**

Volume I

2ª edição

Hermenegildo Jose Ferreira

65 anos

Ensino Primário

Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste - Palmeira d'Oeste (SP) - 1965 a 1968.

Ensino secundário

Seminário Santo Agostinho - Engenheiro Schmidt (SP) -1969 a 1970;

Seminário Santo Agostinho - Bragança Paulista (SP) - 1971;

E. E. Orestes Ferreira de Toledo - Palmeira d'Oeste (SP) - 1971 a 1973;

E.E. Américo Brasiliense - Santo André (SP) - 1974 a 1975.

Ensino Superior

Bacharelado em Física - Instituto de Física da Universidade de São Paulo - São Paulo (SP) - 1977 a 1980;

Bacharelado em Medicina - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia (MG) - 1981 a 1987.

Pós Graduação

Estágio de Adaptação e Serviço - Exército Brasileiro - 1ª Fase: 36º

Batalhão de Infantaria Mecanizado - Uberlândia (MG), 2ª Fase: 11º Grupo de Artilharia Antiaérea - Brasília (DF) - 1988;

Residência Médica - Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto (SP) - 1989 a 1991;

Médico Adido em Vídeo Endoscopia Ginecológica - Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto (SP) - 1996.

Palmeira d'Oeste

histórias e causos

Volume I

2ª edição

Coletânea Multiautoral

Hermenegildo Jose Ferreira
Otávio Scarpin
Marun Calil Haddad
Acrizanto Jose Tavares
Marco Antonio Mendonça Vicente

Palmeira d'Oeste – histórias e causos volume I

Copyright © 2024 por Hermenegildo Jose Ferreira
Palmeira d'Oeste histórias e causos – volume I

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização dos autores.

Hermenegildo Jose Ferreira

2ª Edição

2ª Tiragem - novembro de 2024

Edição:

Editora Casa Ferreirinha

Revisão:

Hermenegildo Jose Ferreira

Diagramação:

Hermenegildo Jose Ferreira

Capa:

Hermenegildo Jose Ferreira

ISBN – 978-65-01-11240-4

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

Ferreira, Hermenegildo Jose

Palmeira d'Oeste histórias e causos – volume I

2ª ed. Palmeira d'Oeste/SP, Editora Casa Ferreirinha, 2024

72 p.; 15,5 x 23cm (Broch.)

ISBN – 978-65-01-11240-4

CDD B869

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira 2. Histórias I. Título

Editora Casa Ferreirinha

Av. Euclides da Cunha, 4979 - Centro - Palmeira d'Oeste - SP –

CEP: 15.720-000

WhatsApp: 17 996 414239

meneferreira@hotmail.com

Hermenegildo Jose Ferreira

Palmeira d'Oeste

histórias e causos

Volume I

2ª edição



Hermenegildo Jose Ferreira.



Editora

Casa

Ferreirinha

Dedico este trabalho:

- a todos que, ao longo de todos esses anos, construíram a nossa querida Palmeira d'Oeste;

- a todos que têm ajudado nesta laboriosa tarefa de registro da história da nossa cidade enviando fotografias, relatos, etc.;

- a todos que, com seu trabalho suado, no dia a dia, continuam aqui neste pedaço de chão fazendo a história desta terra;

- a você que procura ampliar o horizonte da sua cultura;

- a Palmeira d'Oeste que completa 80 anos de existência no dia 13 de dezembro de 2024, dia da sua padroeira Santa Luzia.

Apresentação

Esta segunda edição de “*Palmeira d’Oeste histórias e causos*” volume I contém algumas correções pertinentes e está enriquecida com ilustrações.

Desde a minha infância tenho ouvido relatos ditos como fatos ocorridos por aqui. Relatos e anotações de uma ou outra pessoa em diferentes épocas. São histórias e causos ocorridos por essas bandas.

Tenho ao longo dos anos entrevistado pessoas historicamente vinculadas à cidade para exteriorizarem suas memórias na tentativa de deixá-las registradas para o conhecimento daqueles que se interessem e para as futuras gerações.

Este espaço está reservado para todos aqueles que queiram contribuir relatando histórias e causos de Palmeira d’Oeste.

De acordo com a obtenção de novos relatos proponho-me a transcrever, editar, publicar nos formatos impresso e digital, disponibilizando-os no site da SKALA FM – 105,9 Mhz. Link <http://skalafm.org.br/biblioteca/>.

Hermenegildo Jose Ferreira

Apresentação Hermenegildo Jose Ferreira	05
Prefácio Hermenegildo Jose Ferreira	08
Palmeira d'Oeste – História compilada Hermenegildo Jose Ferreira ..	10
<i>Fazenda São José da Ponte Pensa</i>	12
<i>Fazenda Palmital</i>	14
<i>A compra de 550 alqueires</i>	14
<i>Caminhos difíceis</i>	15
<i>A chegada das primeiras famílias</i>	16
<i>A chegada de mais pessoas</i>	17
<i>A fundação do Patrimônio</i>	18
<i>O Patrimônio progredindo</i>	21
<i>José Vicente Vicente – o fundador</i>	22
<i>A criação do Distrito de Paz</i>	24
<i>O Distrito de Dalas</i>	25
<i>Os primeiros registros em cartório</i>	25
<i>A importância dos imigrantes e migrantes</i>	25
<i>O Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste</i>	27
<i>A Paróquia Santa Luzia</i>	27
<i>A criação do Município de Palmeira d'Oeste</i>	29
<i>De vento em popa</i>	30
<i>Um pouco da história do futebol de Palmeira d'Oeste</i>	32
<i>A criação da comarca</i>	34
<i>Demografia de Palmeira d'Oeste</i>	35
<i>Hino à Palmeira d'Oeste</i>	36
<i>Epílogo</i>	38
Quando aqui chegamos Otávio Scarpin	40
O início da vila Otávio Scarpin	43
Uma vila de futuro Marun Calil Haddad	46
O Cine Brasil Marun Calil Haddad	47
Fontes de cultura Marun Calil Haddad	49
Américo Dias Marun Calil Haddad	51
As escolas Marun Calil Haddad	52
Palmeira d'Oeste hoje Marun Calil Haddad	54
A chifrada da vaca leiteira Acrizanto Jose Tavares	56
Minha primeira cerveja Acrizanto Jose Tavares	58
O revólver 38 de cano rachado Acrizanto Jose Tavares	59
O grande vendedor Hermenegildo Jose Ferreira	61

Hermenegildo Jose Ferreira

<i>Um dia de "bang bang"</i> Hermenegildo Jose Ferreira	62
<i>Brinquedos de crianças</i> Hermenegildo Jose Ferreira	63
<i>Maria Eliza, a primeira professora</i> Marco Antonio Mendonça Vicente	69

Prefácio

A Cidade de Palmeira d'Oeste tem muito pouco da sua história registrada. Sempre existiram pessoas com a intenção de contribuir relatando parte da sua vivência, mas isso tem ocorrido com pouca frequência. Continuamos com pouca coisa contada. O pessoal da antiga tem partido aos poucos, alguns para outras cidades, outros para o “além” delas, e assim, perdemos eles e a oportunidade de conhecer suas memórias. Uma história de vida é para ser contada, não é feita para ser arquivada ou guardada e pode agir positivamente para transformar e ajudar no desenvolvimento da uma localidade.

A vida da cidade pode ser contada além dos dados oficiais, sejam eles, dados políticos, sócio-econômicos ou culturais. Ela deve ser contada através da história e estórias de suas instituições e de seus moradores.

Compartilhar recordações familiares ajuda a conservar a memória histórica. Cada família, cada pessoa, é parte desse processo. Suas memórias enriquecem o conhecimento da trajetória histórica do município.

Com o acesso facilitado às tecnologias nesse início do século XXI, e com algum conhecimento, podemos utilizar os meios de comunicação, além do impresso, resgatando o material já existente e estimular as pessoas historicamente vinculadas à cidade para exteriorizarem suas memórias ampliando dessa forma os horizontes da nossa cultura.

Certo dia, num fim de tarde, no bar do “Bigotinho”, vi na parede colada uma fotocópia de um pedaço de jornal antigo. Fiquei curioso! Perguntei onde havia conseguido aquilo e ele disse que isso era com o Alcino (Alcino José de Souza).

O Alcino guardava um exemplar de uma edição especial do Jornal Folha d'Oeste publicado em 01 de maio de 1980 onde um dos pioneiros (Dr. Edílio Ridolfo) conta um pedaço da história de Palmeira d'Oeste. Assim começamos a tirar da “gaveta” pedaços da história de Palmeira d'Oeste recuperando esse material, arquivando-o sob vários formatos.

Prosseguindo no objetivo, fui descobrindo novos pedaços da história de Palmeira d'Oeste, tais como:

- no livro “Onde canta o sabiá – sonhos e memórias de um boticário do sertão” de José Roveri publicado no ano de 1996;

- no livro “Aparecida d'Oeste e sua história” de Raul Reis publicado no ano de 2000;

- no trabalho de metodologia de pesquisa em história “O pioneirismo feminino em Palmeira d'Oeste – década de 40 e 50” realizado por Anna Pereira Silva Neta Graminholi e Randerson Carlos de Souza no ano de 2000.

Conte sua história, do seu jeito, do jeito que viu e sentiu.

Cada família, cada pessoa, é parte do legado histórico da cidade.

Esse material pode ser publicado em todas as formas acessíveis: livro, jornal, revista, arquivos digitalizados, portal da internet, etc., e distribuído aos interessados, para ser consultado, analisado, criticado e complementado....

Hermenegildo Jose Ferreira

2011



Hermenegildo Jose Ferreira
2022

Palmeira d'Oeste – História compilada

Esta história compilada tem como referências e contém transcrições de entrevistas, textos e acervos listados abaixo:

- Livro “Aparecida d'Oeste e sua história” escrito por Raul Reis e publicado no ano 2000;
- Tese “Apropriação capitalista da terra e a formação da pequena propriedade em Jales (SP)”, tese de mestrado de Sedeval Nardoque apresentada na Unesp em 2002;
- Tese “Renda da terra e a produção do espaço urbano em Jales (SP)”, tese de doutorado de Sedeval Nardoque apresentada na Unesp em 2007;
- “Um pedaço da história de Palmeira d'Oeste”, relatos de Edílio Ridolfo publicado no caderno especial do jornal Folha d'Oeste em 01/05/1980;
- “Um pedaço da história de Palmeira d'Oeste”; maratona escolar organizada pela professora Amagali Bressanim publicado no caderno especial do jornal Folha d'Oeste em 01/05/1980;
- “Relatos de Otávio Scarpin” em entrevista para a SKALA FM no ano de 2011;

- Livro “Onde canta o sabiá – sonhos de um boticário do sertão” escrito por José Rovéri e publicado em 1996;
- Livro “Lembranças da minha vida – sob a sombra do meu pé de ipê amarelo” escrito por Esmeraldo Antonio Ribeiro e publicado em 2022;
- “Relatos de Marun Calil Haddad” em entrevista para a SKALA FM no ano de 2012;
- “Município de Palmeira d’Oeste – Histórico” texto datilografado em 1978 de autoria desconhecida;
- “Relato de Marco Antonio Mendonça Vicente” em 2014;
- Causos ocorridos por aqui contados por Acrizanto José Tavares em entrevista para a SKALA FM no ano de 2020;
- Acervo de Yvonne Vicente Geraldini;
- Acervo de Célia Therezinha Vicente Vendramini;
- Acervo de Marco Antonio Mendonça Vicente;
- Acervo de Hermenegildo Jose Ferreira.

Fazenda São José da Ponte Pensa

Nas terras da antiga Fazenda São José da Ponte Pensa floresceram vários povoados no final da primeira metade do século XX, entre eles o que se tornou a cidade de Palmeira d'Oeste (SP).

Sedeval Nardoque em sua tese de doutorado relata que a “Fazenda São José da Ponte Pensa, nas primeiras décadas do século XIX, pertencia a um mineiro conhecido por Patrício Lopes de Souza, oriundo da Vila de São Tiago, na comarca de Bom Sucesso estado de Minas Gerais. Em 1830, Patrício Lopes de Souza fixou residência em Paranaíba (MS) e abriu posses constituindo quatro fazendas. Do lado de Mato Grosso do Sul (anteriormente Província de Mato Grosso), Sobradinho, Sucuriú e Correntes e, do lado paulista, a Fazenda São José da Ponte Pensa”.

Raul Reis relata em seu livro que “um dos heróis da guerra do Paraguai, conhecido pelo nome de “Guia Lopes” (Patrício Lopes de Souza), por ser conhecedor das trilhas, dos picadões e das vazantes dos rios de todos os recantos do sul do estado de Mato Grosso, era o condutor das tropas brasileiras até o Paraguai. Por esse feito, reconhecendo seus méritos, o Imperador, como gratificação, deu-lhe direito de propriedade em quatro glebas de terras. Três no estado do Mato Grosso e uma no estado de São Paulo, essa com o nome de Fazenda São José da Ponte Pensa. Dessa forma, no século XIX, na época do período imperial do Brasil, Patrício Lopes de Souza adquiriu o direito de propriedade da Fazenda São José da Ponte Pensa de 207.000 alqueires, uma área no extremo noroeste do estado de São Paulo (denominada à época de Região da Alta Araraquarense), limitada pelo Rio Paraná, Rio Grande e Rio São José dos Dourados”.

Não há registro de indígenas habitando esse local.

Apesar de tudo documentado legalmente, seus herdeiros, não deram a devida importância à propriedade.

No início do século XX alguns espertalhões visualizaram a oportunidade de se apoderarem dessa área e tornou-se famoso o processo de grilagem nas terras da Fazenda São José da Ponte Pensa, conhecido como o “Grilo Glória e Furquim”.

João Odorico da Cunha Glória (advogado), Bernardino de Almeida (corretor de imóveis), ambos de São José do Rio Preto

(SP) e Mario Furquim, do Rio de Janeiro; falsificando documentos e contando com a benevolência da Justiça; obtiveram a convalidação da posse da Fazenda São José da Ponte Pensa em 1914. Imediatamente deram início ao processo de desmembramento da fazenda para cada um ficar com seu quinhão.



Fazenda Palmital

Bernardino de Almeida vendeu a Fazenda Palmital de 12.070 alqueires, dentro da parte que lhe coube, ao Coronel Joaquim de Lima Moreira de Ribeirão Preto (SP) que em 1930 estabeleceu o Sr. Manoel Francisco de Almeida, mais conhecido por “Manezinho Baiano” como agregado e posseiro, residindo com sua família numa casa de pau a pique, na cabeceira do Córrego do Cervo.

Em 1938, os herdeiros do Coronel Joaquim de Lima Moreira, Joaquim de Lima Moreira Filho (seu filho), Welson e Walter (seus netos), Edílio Ridolfo (seu genro), e o agrimensor Orestes Ferreira de Toledo ultimaram o levantamento preciso da Fazenda Palmital, auxiliados por vários picadeiros. Iniciaram o loteamento de 2.000 alqueires e surgiu o povoado de Vila Moreira (que não prosperou), às margens do Rio São José dos Dourados, próximo ao município de Marinópolis. Nessa época os povoados mais próximos eram Votuporanga e Pereira Barreto. Esse processo contribuiu para a desconcentração fundiária com predomínio de pequenos estabelecimentos rurais de base familiar, com diversificação agrícola e predominância da cultura cafeeira.

As terras eram de excelente qualidade e preços muito baixos, apesar disso, poucos se arriscavam a enfrentar o “Sertão da Ponte Pensa” com natureza farta, mas falho de recursos de todo o tipo. Estradas não existiam a não ser picadas abertas na densa mata, onde só se podia transitar a cavalo ou em carros de boi.

A compra de 550 alqueires

Em 1939, Thomaz Vicente Vicente, após conversas com os herdeiros do Coronel Joaquim de Lima Moreira, veio visitar a Fazenda Palmital, gostou do que viu e comprou 550 alqueires. Destinou 100 alqueires, na cabeceira do Córrego da Laranjeira, ao seu filho José Vicente Vicente (que denominou a área de “Fazenda Santa Luzia”) e vendeu 50 alqueires para Ângelo Scarpin, colono antigo em sua fazenda no município de Pindorama (SP).

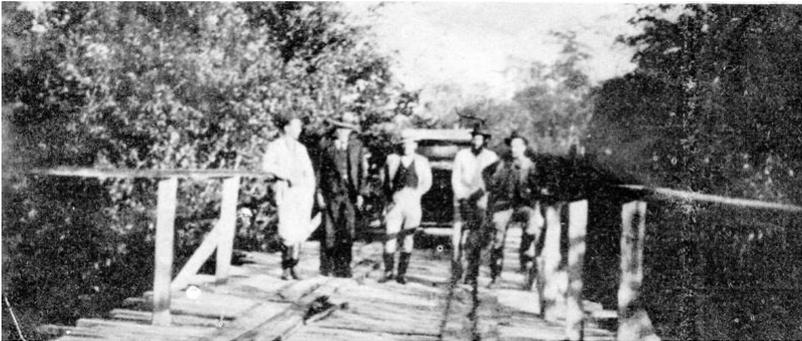
Em 1941, Ângelo Scarpin tomou posse da sua propriedade no Córrego da Laranjeira. Veio com toda sua família que já contava

com dois filhos e uma filha casados. Iniciou a derrubada da mata para construir seus ranchos de pau a pique e iniciar o plantio de cafeeiros.

Algum tempo depois, Thomaz Vicente Vicente resolveu iniciar a abertura da gleba adquirida e empreitou ao Sr. Altino Antonio de Oliveira, a derrubada de 30 alqueires para o plantio de café.



Thomaz Vicente Vicente dando instruções aos colonos em sua fazenda



Julho de 1939 - Da esquerda para a direita: Jocelyn Moreira Lima, Thomaz Vicente Vicente, Arturzinho (sertanejo) e Edílio Ridolfo - Atravessando a ponte do "Tiburção" no Rio São José dos Dourados

Caminhos difíceis

Até 1942, o caminho daqueles que vinham das bandas de São José do Rio Preto para a Fazenda Palmital era o seguinte: Monte Aprazível, Poloni, Ida Iolanda, Nhandeara, Floresta (hoje Floreal), Magda, General Salgado e Vila Pacheco (hoje Auriflama).

Daí seguia-se rumo ao Rio São José dos Dourados, onde se encontrava uma precária ponte de madeira. Ali morava um sertanejo vindo de Olímpia (SP), conhecido por “Tiburção“, que legou seu nome a perigosa ponte, hoje não mais existente.

Após a fundação de Jales, o engenheiro Dr. Euphy Jalles solicitava a Joaquim de Lima Moreira Filho, do qual era amigo desde os bancos escolares de Barretos, o avivamento da picada existente da Fazenda Palmital à estrada Boiadeira, até onde residia José Nunes de Brito, mais conhecido por “Zé Cearense”. O empreiteiro desse avivamento foi o picadeiro Altino Antonio de Oliveira.

Em 1943 a comunicação da Fazenda Palmital passou a ser feita até a estrada boiadeira passando pelas baixadas dos córregos Jaguarí, Jaguará, Itapirema e córrego dos Cabritos onde residia um tal de Pedro Balduino. Da estrada Boiadeira até Jales, seguia-se pela “estradinha“ já existente. A distância era naquela época de 45 quilômetros.

A chegada das primeiras famílias

Aos poucos outras pessoas com suas famílias foram afluindo para essa região: Ângelo Galletti, André Ressude, Dona Floripes, Rafael, Zacarias das Neves, Benedito Belarmino, família Pazzini, família Steka, Rafael de Paula, Nenê Miranda, Antonio Miranda, Evaristo Silva, Vicente Terêncio, Canuto, Laurentino, Artur Geraldo, Jovino, Donato Botta...

As primeiras casas de pau a pique foram erguidas ao lado de uma ”estradinha”, onde hoje é a Avenida Antônio Fernandes Garcia (originalmente Avenida Marechal Cândido Rondon), entre a Rua Brasil e a Rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (originalmente Rua São Paulo). O motivo dessa localização era que ali era o ponto de irradiação para o recém-criado patrimônio de Jales, para os Córregos do Sucuri e Macumã, para Vila Moreira, e para quem se dirigia a Pereira Barreto.

Em 1943, o Sr. João Siqueira, o primeiro morador da futura vila, estabeleceu-se com um boteco e pensão na esquina da Rua Brasil com a Avenida Marechal Cândido Rondon.

Não existia ainda a estrada em reta para Jales, que foi traçada pelo agrimensor Orestes Ferreira de Toledo e construída a duras penas, com enorme sacrifício, a machado, picareta e enxadão, diminuindo em 15 quilômetros a distância à Jales, no ano de 1945.



1943 - As primeiras casas do povoado

A chegada de mais pessoas

O sertão tem olhos, e o farfalhar das folhas de árvores seculares, emitem avisos, e como andorinhas em busca de novos deuses do lar, um a um, foram chegando novas pessoas, novas famílias. É o Francisco Bizelli, que instalou a primeira máquina de beneficio de arroz... É o José Rovéri, o Antonio Carapina, o Artur Geraldo, enfim, tantos outros, avisados da abertura de um novo patrimônio. E nessa “estradinha” que se transformou na Avenida Marechal Cândido Rondon (hoje Avenida Antônio Fernandes Garcia) foram todos se fixando.

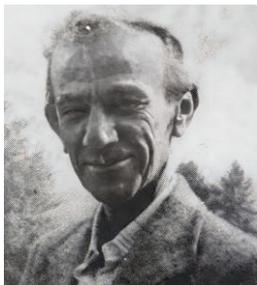
No caminhão em que veio o “Chico Bizélli”, veio também “a traia” de José Roveri, que se constituía em alguns caixões. Foi o segundo morador do povoado e o primeiro a instalar uma farmácia em Palmeira d’Oeste, portava todo o seu capital: amostras de medicamentos, que havia trazido de Pirangi (SP). Instalou sua Farmácia Santa Adelaide, em modesta casa de tábuas, na Avenida Marechal Cândido Rondon, quase na esquina com a Rua Brasil. Era

o farmacêutico, e também era o médico. Atendia a todos com carinho e solicitude. Auscultava corações e media pressões.

Os sertanejos encontravam no farmacêutico solícito o refrigério para seus males corporais.

José Roveri lutou com perseverança e desesperada obstinação, em busca dos alicerces em que haveria de construir seu futuro. Encontrou-os, não por acaso, mas porque soube lutar, porque foi perseverante.

O Sertão age em quem o desvirgina (principalmente naqueles tempos) como “lixa grossa” raspando suas economias, o que levou Edílio Ridolfo a “grudar” novamente no boticão, instalando seu gabinete dentário na casa do José Roveri.



1980 - José Roveri

A fundação do Patrimônio

Fundar um patrimônio era uma prática antiga no Brasil.

O fundador doava uma parcela de terra a um santo, onde seria construída, posteriormente, a capela. Erguia-se um cruzeiro (cruz de madeira) e fazia-se uma festa, para alardear o nascimento do povoado. A vila servia como ponto de referência para os possíveis compradores de terras.

Orestes Ferreira de Toledo, competente agrimensor, infatigável, foi o cérebro inspirador e executor da fundação do patrimônio. Realizou os primeiros levantamentos topográficos do nosso município, a planificação da cidade e nomeou suas ruas. Em sua homenagem a primeira Escola Estadual de ensino inaugurada em 12 de abril de 1965, recebeu o seu nome.



1943 - Orestes Ferreira de Toledo é o terceiro da esquerda para a direita

Em 1944, Orestes, que residia juntamente com Dr. Edílio Ridolfo na sede da Fazenda Palmital, mostrou a importância de se fundar um patrimônio, e afirmou que o melhor local seria na gleba de Thomaz Vicente Vicente, pelas condições geográficas e melhor topografia do terreno. Ao procurarem o Thomaz, coincidentemente encontram-no juntamente com seu filho José Vicente Vicente à porta do rancho do Evaristo Silva. Expostos os planos pelo Orestes, o Thomaz logo concordou, mas oferecendo tão somente dez alqueires em doação ao patrimônio, mas José Vicente logo retrucou:

- Não meu pai, nós vamos doar no mínimo vinte alqueires.

Já passava pela cabeça do José Vicente a fundação de uma vila com o nome de “Nova Pindorama”, homenageando sua cidade de origem, no entanto perguntou ao Orestes:

- Como vai chamar-se o patrimônio?

O enérgico e eficiente agrimensor, dotado de veia poética, com o braço apoiado no pescoço de sua mula Borboleta, deu sua característica “pigarrada”, e olhando ao seu redor, onde se erguiam dezenas de palmeiras (“gairovas”), exclamou:

- Vai chamar-se Palmeira d’Oeste.

“Zé” Vicente, esfuziante e desabusado, tirou o revólver da cinta e gritou:

- Viva o patrimônio de Palmeira d'Oeste, descarregando toda carga de seu revólver, no que foi acompanhado pelo Evaristo Silva, que também sapecou tiros ao ar, entusiasmados pela alvissareira notícia.

Imediatamente, em sua banquetta, o Orestes deu inicio a demarcação do patrimônio, o que lhe seria fácil, pois como agrimensor que fora, na divisão da gleba do Thomaz, possuía todos os dados técnicos, e em princípios de dezembro ele mostra o rascunho do mapa do futuro patrimônio, com ruas, praças, quadras e quarteirões, delineados e demarcados.

Ao ver o mapa o “Zé” Vicente ficou exultante, e intempestivo como era disse ao Orestes:

- Já posso marcar o dia para a fundação do patrimônio?

Respondeu-lhe o Orestes:

- Desde que não seja nas vésperas do natal, escolha o dia que bem entender.

- Então está escolhido. Vai ser no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia que é dia da Santa de minha devoção.

O “Zé” Vicente pediu para Arlindo Scarpin e Carlos Della Rovere para achar um lugar no alto para se fazer uma limpeza na mata. Eles pegaram umas foices e roçaram uma quadra. Este local, hoje, é a praça da igreja matriz também chamada de Praça José Vicente Vicente.

Assim descreve Edílio Ridolfo: “Dia 13 de dezembro de 1944, eram 6 horas da tarde, hora do Ângelus, quando nas fimbrias do horizonte esvaíam-se as últimas pinceladas de um azul-rosa do crepúsculo que se deitava medrosamente nas sombras da noite. Braços hercúleos de rijos sertanejos ergueram o “cruzeiro” de aroeira (no local onde hoje é o marco zero de Palmeira d'Oeste). E naquela região semi-habitada, já se podiam ver quais dedos apontados ao infinito, o símbolo significativo e enaltecido por Cristo. O cruzeiro foi feito pelas mãos hábeis de Donato Botta, e entre tantos que o ajudaram a levantá-lo estavam, Ângelo Galletti, André Ressude, Zacarias das Neves, João Siqueira, “Chico Bizélli”, “Chiquinho Carreiro” e seu irmão Euclides, Evaristo Silva, “Moreirinha”, Dr. Edílio Ridolfo, José Batista, Orestes Ferreira de Toledo e quantos outros... Entusiasmadíssimos estavam “Zé Vicente” e seu irmão Orlando Miguel Vicente, sob o olhar feliz do seu pai, Thomaz Vicente Vicente. Neste momento parecia estar

presente o Espírito da Pátria, agradecendo aqueles simples, humildes, mas gigantes sertanejos, que lhe oferecia mais uma célula ao seu desenvolvimento. Teve início a reza do terço, que foi “puxado” por Dona Maria Tiburtina de Jesus, mãe do Francisco Almeida (Chiquinho Carreiro). Ao término da cerimônia religiosa ouviu-se o espocar de dezenas de rojões, acompanhado de intensa descarga de revólveres, espingardas e “Winchesters 44”, numa espontânea, alegre e sincera demonstração de júbilo, pela fundação do patrimônio de Palmeira d’Oeste, naquele dia 13 de dezembro de 1944, em que a igreja comemora a data litúrgica de Santa Luzia”.

No local também foi construído um coreto e a primeira capela, construção rústica de pau a pique coberta com folhas de sapé e altar feito com um grosso toco de árvore.



1943 - José Vicente Vicente no interior da primeira capela

O Patrimônio progredindo

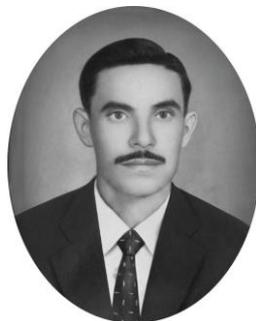
1946, nesse ano, mais e mais famílias aportaram em Palmeira d’Oeste . Entre elas, a do João Antonio Ribeiro, vindo de Jardinópolis (SP), passando inicialmente a residir e trabalhar com Joaquim de Lima Moreira Filho na sede da Fazenda Palmital, transferindo-se posteriormente à vila de Palmeira d’Oeste. Juntamente com o conhecido “picadeiro” Cassiano, foi elemento de primordial importância, junto a Orestes Ferreira de Toledo, na demarcação topográfica do então patrimônio. Chega também, com sua família, uma figura singular: Liovergílio Francisco Cardoso, o popular “Lió”, vindo de Palestina (SP). Bom baiano, político, amigo de Ulisses Guimarães, falava com forte sotaque. Sempre

com um lenço vermelho ao pescoço, era pau para toda obra, tornando-se abnegado mensageiro postal, e suas andanças a Jales, no desempenho de suas funções eram constantes e cheias de sacrifícios. Empenhou-se de corpo e alma na luta para a criação do distrito, tendo instalado a agência do Correio, onde sua filha Argentina Cardoso Borges foi a titular por muitos anos. O povoado foi melhorando já tinha duas “vendas” boas: a do Américo Dias e a do Alberto Dias, com isso não precisava ir mais para Pereira Barreto fazer compras, aqui tinha de tudo o que as pessoas precisavam: açúcar, sal, café, querosene...

A vila começou a crescer e se tornar conhecida depois que o Sr. José Vicente Vicente vendeu a parte loteada para o Sr. Inocêncio Figueiredo, que começou a trazer muitas famílias da região de Catanduva e comprou também esta gleba, onde se alojaram as famílias Secafen, Garé, Bufon e outras mais...



João Antônio Ribeiro



Américo Dias

José Vicente Vicente – o fundador

José Vicente Vicente é justamente tido e havido como fundador de Palmeira d'Oeste. Sem sua efetiva colaboração, talvez não se pudesse levar adiante os trabalhos para a demarcação do patrimônio. Entusiasmado, conseguiu que seu pai, Thomaz Vicente Vicente, aumentasse para 20 alqueires a área doada ao patrimônio. Todas as despesas, enfim, tudo que fosse necessário, para a demarcação do patrimônio correu por conta dele. Assim pode o Orestes, entregar ao “Zé Vicente” em 1946, o mapa devidamente elaborado, com as denominações das ruas, onde se notava o seu

espírito nacionalista. Palmeira d'Oeste, ostenta em suas ruas nomes de notáveis figuras da nossa história.

José Vicente Vicente era dotado de franqueza rude, zombeteiro e desabusado. Acusam-no de alguns defeitos. Mas perguntamos:

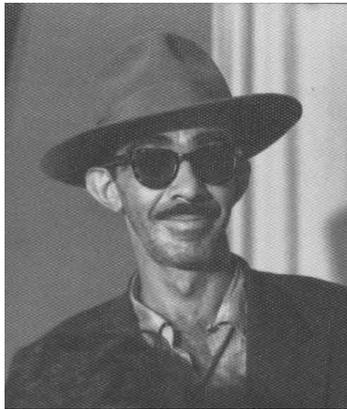
- Quem não os tem? Acaso esquece-se que a “imperfeição é inerente aos homens”?

Impulsivo, e como se diz na gíria: ”de boca destramelada” que provocava constantes atritos.

Por outro lado, às vezes demonstrava seu lado sentimental. Tinha ele três filhas e desejava ardentemente um “filho homem”, e no dia em que nasceu o filho desejado, saiu com vários amigos, todos dando tiros para o ar, e gritando:

- Viva o Thomazinho, viva o Thomazinho... Na mais feliz manifestação de júbilo pelo nascimento do seu filho.

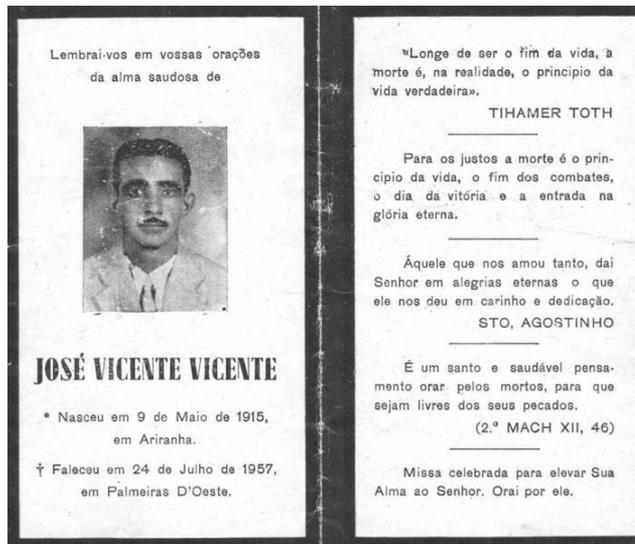
Faleceu tragicamente no dia 25 de julho de 1957 assassinado, com arma de fogo, pelo Sr. Félix Damas em função dos seus atrevimentos e abusos. Palmeira d'Oeste prestando-lhe justa homenagem denominou a praça da igreja matriz de “Praça José Vicente Vicente”.



1957 – José Vicente Vicente



1957 – José Vicente Vicente com seus filhos: Célia, Yvonne, Sonia e Thomaz



1957 – Santinho distribuído por ocasião de seu falecimento

A criação do Distrito de Paz

O povoado de Palmeira d'Oeste é elevado a categoria de Distrito de Paz, pertencente a Jales, pela lei estadual nº 233 em 24 de dezembro de 1948 sendo seu primeiro escrivão de paz o Sr. Walter Nogueira Lapa; juiz de casamentos o Sr. Félix Damas; adjunto de curador de casamento o Sr. Brulino Martins Gonçalves e subdelegado o Sr. Anilo Bizari.

O Distrito de Dalas

Um cartorário, por nome José das Graças Veiga e que já atendia em Palmeira d'Oeste, resolveu criar um povoado em suas terras.

Por volta de 1952 iniciou seu povoamento e nomeou-o "Dalas" em homenagem a sua esposa chamada "Dalina".

Até 1954 o acesso ao povoado era pela estrada de terra que ia até o sítio do Perésio e depois disso havia um "picadão" no meio da mata onde só se transitava a pé ou a cavalo

Em 1958 tentou, sem êxito, oficializá-lo como distrito.

Em 28 de fevereiro de 1964, finalmente, foi criado o Distrito de Dalas pela Lei Estadual nº 8.092, pertencendo ao município de Palmeira d'Oeste.

Os primeiros registros em cartório

Segundo as informações do Cartório de Registro Civil, (antigamente chamado de Cartório de Paz), do escrivão José Antonio Pereira a instalação do Cartório deu-se no dia 16 de dezembro de 1953.

O Primeiro Livro de Ata foi iniciado em 14 de setembro de 1953 pelo primeiro escrivão, Carlos José da Graça Veiga Carlson.

O primeiro nascimento a ser registrado foi de Jurandir Rosa de Oliveira, no dia 17 de setembro de 1953.

O primeiro casamento foi de Alfeno Damião de Oliveira, com a Srta. Ana Alves de Oliveira, no dia 17 de setembro de 1.953, tendo como Juiz de Paz o Sr. Félix Damas.

O primeiro óbito registrado no Cartório de Registro Civil de Palmeira d'Oeste, foi de Joventino Francisco da Silva, 39 anos de idade por "morte natural" no dia 18 de setembro de 1953.

A importância dos imigrantes e migrantes

Com relação à imigração de estrangeiros, para o Brasil, para nosso estado de São Paulo e especificamente para nossa região, é

válido e justo registrar a presença de portugueses, espanhóis, italianos, árabes e japoneses.

Muitas famílias das regiões de Ribeirão Preto, Jardinópolis, Araraquara, Matão, Bauru, Santa Adélia, Pindorama, Taquaritinga, Presidente Wenceslau, Araçatuba, Mirandópolis e outras cidades do estado, se deslocaram para cá.

Vale ressaltar que muito contribuíram com o crescimento vertiginoso da agricultura e do comércio de Palmeira d'Oeste, principalmente os portugueses e os japoneses, com propriedades rurais, com lojas de tecidos, armazéns de secos e molhados, hotéis, restaurantes, farmácias e oficinas. Também com pequenas indústrias: máquinas de beneficiamento de arroz, café, amendoim e algodão; serrarias, fábrica de carroças e charretes, e artesãos produzindo artigos de selaria, sapataria e móveis.

Em 1955 a grande maioria da população estava na zona rural; na área urbana, a vila tinha no máximo 12 casas. Nesse ano foi inaugurada, pelo Sr. Magid Calil Haddad, a primeira loja de tecidos e calçados da vila (“Casa Combate” chamada pela população de “O Dragão das Sete Portas”). Em 1960, o mesmo com seu espírito empreendedor inaugurou o Cine Brasil, edificação imponente que se tornou cartão de visitas de Palmeira d'Oeste.



Oficina Ponce – Fábrica de carroças, carrinhos, charretes e carrocerias



Cine Brasil

O Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste

O Grupo escolar teve sua instalação no dia 18 de fevereiro de 1957, na Rua Brasil. Sua diretora interina foi a professora Maria Eliza de Mendonça Vicente; os professores: Terezinha Neide Beschiga, Luzia Marchiori, Neyde de Lázari e Irma Queda. As substitutas eram: Dercy da Silva Carramona, Ruth Queda, Elman Regatiéri, Maria Izabel de Oliveira, Ana de Souza, Onofre Soares da Silva, Iracema Martins e Napoleão Pinto Gomes.



1962 - Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste na rua Brasil (atualmente é o local onde se encontra a quadra coberta da E E Orestes Ferreira de Toledo)

A Paróquia Santa Luzia

Uma Paróquia iniciada com padres estrangeiros.

A Paróquia de Palmeira d'Oeste foi criada no dia 1º de janeiro de 1959 sendo o seu primeiro vigário, o padre Afonso Négkrake. A construção da igreja foi iniciada pelo padre Walter Passmans.

O Primeiro batizado realizado foi de Aparecida, filha de Braulino Ferreira e Ana Rosa Gomes no dia 02 de janeiro de 1959. O terceiro vigário e o que por mais tempo ficou à frente da paróquia foi o padre Holandês Gilberto Nievergelb.



1968 - Igreja matriz antes da reforma. Frente voltada para a rua São Paulo (atual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco)



Padre Afonso Négkrake



Padre Gilberto Nievergeld

A criação do Município de Palmeira d'Oeste

Jales não queria que Palmeira d'Oeste emancipasse e se tornasse um novo município, pois perderia muito com isso.

Houve muita luta, muita briga política. Finalmente em 1958, uma forte comissão de moradores locais, formada por Juvenal Vicente de Oliveira, Antonio Fredi, Carlos José da Graça Veiga Carlson, José Roveri e Braulino Martins Gonçalves, o popular Brás Sapateiro, se dirigiu a São Paulo e conseguiu a proeza da aprovação para a criação de nosso município!

Dr. Alosio Nunes Ferreira, grande e influente político do governo do Estado de São Paulo, foi de fundamental importância na criação do novo município.

A comissão de moradores, em prol a emancipação, foi até a capital paulista com os papéis e assinaturas, reivindicando a criação do município perante o governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros, e conseguiu a sua aprovação.

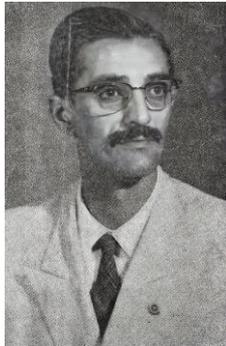
Quando a comissão regressou da capital, foi uma verdadeira festa, com rojões e outros fogos de artifícios, muita música e muita alegria para comemorar a vitória e a realização do grande sonho da população.



1958 - Parte da comissão que lutou pela emancipação do distrito, em visita ao Governador Jânio Quadros na capital paulista. Da esquerda para a direita: Juvenal Vicente de Oliveira, Antonio Fredi, Carlos José da Graça Veiga Carlson, José Roveri e Braulino Martins Gonçalves

O município foi criado com a promulgação da Lei Estadual nº 5.121 de 31 de dezembro de 1958 e instalado em 1º de janeiro de 1960 sendo seu primeiro prefeito o Sr. Manoel Pantaleão.

Sua área é de 318,74 Km², altitude em torno de 433m. Coordenadas geográficas: Latitude: 20° 25' 3" Sul, Longitude: 50° 45' 39" Oeste.



1960 - Manoel Pantaleão

De vento em popa

Em 1959 foi inaugurada a primeira agência bancária: O Banco Novo Mundo S/A.

O professor Francisco Augusto César Serapião, sem muitos recursos financeiros, deu grande contribuição à cidade construindo uma escola ginásial (uma escola comercial) em 1962. Esse fato possibilitou que os jovens continuassem os seus estudos além do nível “primário”.



Professor Francisco Augusto César Serapião

Em 1962, Dr. Paulo Costa, primeiro médico, inaugurou a Casa de Saúde São Paulo. No mesmo local, com instalações ampliadas, em 1965, o mesmo, fundou a Santa Casa de Misericórdia de Palmeira d'Oeste.



Dr. Paulo Costa



1962 - Casa de Saúde São Paulo. (neste local atualmente está a sede da Prefeitura Municipal de Palmeira d'Oeste

Palmeira d'Oeste na década de 60 foi o maior produtor de bananas do Estado de São Paulo e pertenceu ao grupo dos maiores produtores de café do país. Tinha também produção significativa de algodão, arroz, milho e amendoim.



Primeira lavoura de café (ainda em formação) na Fazenda Santa Luzia de José Vicente Vicente. Observem os inúmeros pés de Palmeira “Gairova”

Em 1965 foi fundado o Clube de Campo das Palmeiras, espaço icônico que tanto serviu seus associados e a população.



Salão de eventos do Clube de Campo das Palmeiras

Um pouco da história do futebol de Palmeira d'Oeste

Com a colaboração de Antonio Biscassi, no ano de 1960, foi fundada a Associação Esportiva Palmeiras, formada por autênticos ex-craques, que vieram de outras cidades, para tentarem as riquezas

que a terra prometia. Esses eram os principais atletas da equipe: Olavo, Clóvis, Ranchinho (ex-Clube Atlético Taquaritinga), Zé Mescua, Dinho Castellani, Táta Ponce, Diorante, Toninho, Nelson (ex-Nevense), Bombig (ex Jabaquara, Comercial de Ribeirão Preto), Odair, Lírio e Cidão. Bombig é considerado o chute mais potente da história do futebol brasileiro. Dívidas com a Federação Paulista de Futebol determinaram sua extinção.



Associação Esportiva Palmeiras



1960 - Olavo, Clóvis, Ranchinho, Zé Mescua, Dinho Castellani, Táta Ponce, Diorante, Toninho, Nelson, Bombig, Odair, Lírio e Cidão

Na década de 70, outra vez, Palmeira d'Oeste reaparece com destaque “no esporte rei” nesta época foi fundado o Cruzeiro Futebol Clube, tendo em seu elenco atletas como: Osmar Galinha, Natal, Fredi, Kilim, Jair, Miron, João Canhoto, Vando, Cazelato, Vilela, Minoro, Pagé, Rubão, Zézim Carvalheiro, Gusson, Pé de Pato, Divo, Teixeira, Bombig, Quarentinha; o saudoso Disney Antônio Monzani, atualmente nome de Escola Municipal e Tanaka que no futuro se tornaria o pai do mais ilustre jogador de futebol nascido em Palmeira d'Oeste: Marcus Túlio Tanaka, zagueiro da equipe Nagoya Grampus e da Seleção Japonesa de Futebol. O dedicado massagista do time era o barbeiro Jerônimo Ilhéus.



1973 - Da esquerda para a direita, em pé: Professor Rui, Osmar Mingatti, Divo, Professor Disney, Severino, Albertino, Natal, Pagé e Claudionor. Agachados: Teixeira, Sudan, Bombig, Iuca, Quarentinha e Tuia



1979 - Da esquerda para a direita, em pé: Dinho Castellani (presidente da CME), Periquito (técnico) Jair, Osmar Galinha, Pagé, Joãozinho, Tanaka, Pingüim, Gilmar, Rubão, Zézinho Cavalheiro, Jerônimo Ilhéus (massagista) e Sylvio Pozzetti (presidente do Cruzeiro). Agachados: João Canhoto, Nenezinho Gusson, Pé-de-Pato, Divo, Vando, Araújo, Minoro e Toninho

A criação da Comarca

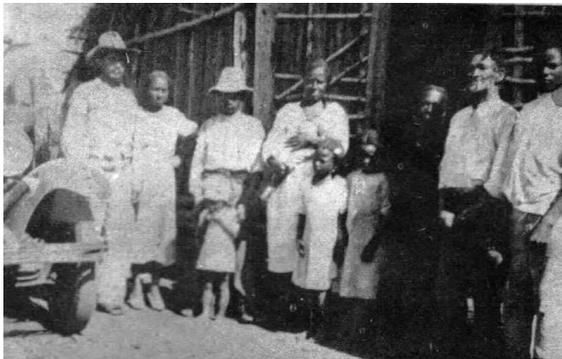
A comarca de Palmeira d'Oeste, abrangendo os municípios de Aparecida d'Oeste, Marinópolis, São Francisco e Dirce Reis foi criada pela Lei nº 8.050 de 31 de dezembro de 1963 e foi instalada em 26 de janeiro de 1969, posteriormente Dirce Reis deixou de pertencer a essa comarca.



1969 – Primeira sede do Fórum de Palmeira d’Oeste na rua Brasil

Demografia de Palmeira d’Oeste

De região desabitada antes de 1930, passou a ter uma família morando na área a partir dessa data (a família de Manoel Francisco de Almeida (Manezinho Baiano)).



1939 - Da esquerda para a direita: Manoel Victor(genro) e sua esposa, Chiquinho Carreira (filho) e esposa, Maria Tiburtina de Jesus(esposa de Manezinho)), Manezinho Baiano e Euclides (filho), na sede da Fazenda Palmital

Em 1941 chega a segunda família (família de Ângelo Scarpin) e no ano de sua fundação (1944) já contava com 3.500 habitantes.

Terras férteis e baratas estimularam o aumento vertiginoso da população. As grandes extensões de mata virgem foram transformadas em ricas lavouras de café, milho, arroz, algodão, amendoim, banana... Palmeira d’Oeste foi o maior produtor de bananas do Estado de São Paulo no início da década de 60 e figurou entre os maiores produtores de café do país.

As promissoras lavouras de café, que perduraram por mais de três décadas, possibilitaram um grande desenvolvimento e em 1969 o município alcançou a marca de 25.000 habitantes; a quem diga que chegou à marca máxima de 35.000, poucos anos depois.

Havia em quase todos os bairros rurais, uma escola, uma capela e um campo de futebol.

As intempéries da natureza, improdutividade, falta de incentivo ao pequeno agricultor, preços ínfimos na época das colheitas e a “ferrugem”, terrível doença que assolou os cafezais da região, promoveu a erradicação dos cafezais e de 1980 para frente, originou o êxodo rural diminuindo em mais de 50% a população do município. Muitas famílias mudaram-se de Palmeira d'Oeste e foram engrossar as cidades propícias para empregos.

Em 1990 contava com 13.000 habitantes e no censo populacional do ano seguinte registrou-se 10.904, depois disso a diminuição da população continua com números menos significativos.

O censo do ano de 2000 indicou população de 10.322 habitantes.

A agricultura que sempre foi familiar, reavivou a economia de Palmeira d'Oeste com a viticultura, inclusive produzindo as uvas de mesa de melhor qualidade em todo o estado de São Paulo. Palmeira d'Oeste ostenta o título de “Capital Regional da Uva”. Produz também limão, laranja, banana, verduras e legumes.

O censo de 2010 registrou 9.584 habitantes e o de 2022 registrou 8.903 habitantes no município.

Apesar dessa diminuição populacional significativa, ocorreu o crescimento da zona urbana, pois poucos permaneceram residindo em sítios e chácaras.

Hino à Palmeira d'Oeste

Letra de José Lúcio de Toledo

Esta terra tão decantada
Parece um conto de fada
Verdadeiro paraíso de Amor
Você que é toda um encanto

És banhada por um Rio Santo
Abençoada por nosso Senhor.

Esta terra que nos dá o pão de cada dia
Temos como Padroeira Santa Luzia
Nasceste para ser um gigante
Prendeste em seu seio o caboclo brasileiro
Tornou-se do Brasil um grande celeiro
Orgulho-me em ser seu fiel amante.

Em seu seio construí um Ranchinho
Construí com muito afeto e carinho
Para junto com você morrer
Para sempre estar ao seu lado
Ser somente seu bem amado
Ter você como minha estrela tutelar.

Você é da região o maior Celeiro
Da região o maior Centro viticultoreiro
Toda essa região te referencia de pé
Você é um verdadeiro canto de fada
Você é uma pérola incrustada
Nas margens do caudaloso São José.

Esta terra mais que vibrante
És de toda a adorada amante
Tens seu solo fecundo e não agreste
És charmosa, esbelta e altaneira
Leva a cor da nossa bandeira
Esta jóia é você...
Palmeira d'Oeste.

Epílogo

Palmeira d'Oeste segue seu caminho com sua gente.

Desde os primórdios de sua existência experimentou progressos, desenvolvimento, retrocessos...

Não é mais um patrimônio, uma vila, mas um município que conhece os prazeres, confortos e problemas da vida moderna.

As lâmpadas elétricas substituíram as lamparinas e os lampiões.

As ruas escuras e barrentas conheceram o asfalto e a iluminação pública.

Os poços d'água com sarilho e as privadas dos quintais foram substituídas pelo serviço de água encanada e esgoto tratados.

As pequenas vendas e armazéns cederam lugar aos supermercados e comércio diversificado.

Escolas abrigam crianças, adolescentes e adultos em busca do saber.

As picadas na mata deram lugar a estradas largas. Os cavalos, burros, mulas e carros de boi já não são meios de transporte regular.

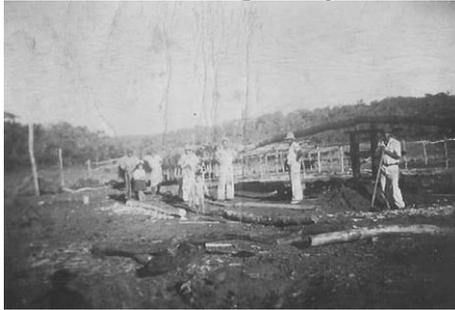
Os pioneiros conheceram outra realidade; viveram o sertão bruto desafiando o homem; conviveram com os animais colocando em risco suas vidas; experimentaram o desconforto, a falta de estradas e de meios de comunicação dificultando seu trabalho e sobrevivência!

Neste início do século XXI a realidade é outra. As novas tecnologias facilitam o trabalho e o aprendizado humano, aumentam a produção e otimizam o tempo; oferecem novos passatempos; permitem o contato com pessoas de todo o mundo e o compartilhamento de informações de forma fácil, rápida e barata.



1943 - Palmeira d'Oeste (SP), Início da formação do vilarejo. As primeiras edificações. Este espaço entre as duas pequenas fileiras de casas de pau a pique veio a ser a primeira via pública da vila e foi denominada: Avenida Marechal Cândido Rondon (nome alterado para Antônio Fernandes Garcia) localizada entre os cruzamentos da Rua Brasil e Rua São Paulo (nome alterado para

Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco). Ao fazerem a limpeza da área, preservaram dois majestosos Jatobazeiros. Esses Jatobazeiros foram utilizados como cadeia por alguns anos. Os malfeitores eram amarrados aos seus pés aguardando para serem transferidos para a cadeia de Votuporanga (SP)



1943 - Trabalhadores na Fazenda Santa Luzia de José Vicente Vicente



1943 - André Vicente, e a direita José Vicente Vicente no meio da mata

André Vicente era, na época locutor da Rádio Bandeirantes na cidade de São Paulo. Rotineiramente anunciava em seu programa: - O Brasil cresce! Palmeira d'Oeste, mais uma cidade que surge, a mais jovem cidade para os jovens do Brasil!



Cartão de visita anunciando a nova cidade



Otávio Scarpin
2011

Quando aqui chegamos

Minha família saiu de uma fazenda entre Pindorama (SP) e Catanduva (SP) e viemos para cá em 1941, eu tinha 14 anos de idade.

Fomos a segunda família a chegar por aqui. Antes só tinha a família do “Manézinho Baiano”, morando para as bandas do Córrego do Sucuri desde 1930. “Manézinho Baiano” era agregado do Coronel Joaquim de Lima Moreira proprietário dessas terras, uma fazenda de 12.070 alqueires.

“Dona Idalina” (Adelina), nora do Thomaz Vicente, esposa do “Zé Vicente”, se dava muito bem com a nossa família. Ela insistiu para que o seu sogro negociasse também um pedaço de terra para a gente quando ele comprou a fazenda dele aqui.

Thomaz Vicente negociou o pedaço de terra e o meu pai comprou 50 alqueires no Córrego da Laranjeira. Ficamos ainda dois anos trabalhando para ele antes de virmos para cá. Estamos aqui até hoje. Palmeira d'Oeste? Nem se falava nisso.

Víamos num caminhão “V8”, um caminhão grande para aquele tempo. Ele veio lotado. Minha mãe e duas cunhadas vieram na “gabiná” do caminhão junto com o “chover” (motorista) e o resto viemos todos na carroceria do caminhão. De Pindorama a Jales foram dois dias de viagem e de Jales até a fazenda do “Zé Vicente” mais cinco dias.

O caminhão veio até mais ou menos tranquilo. Depois que passou São José do Rio Preto, a mataria só veio aumentando e no caminho só havia umas vilinhas novas.

Em Jales (SP) só tinha duas casinhas de barro e mais nada. Para o caminhão poder passar de Jales para cá, tocou meu finado pai e meus irmãos mais velhos virem na frente do caminhão limpando os matos para abrir a picada no meio da mata.

Chegando aqui na “Laranjeira” não tinha os ranchos prometidos e colocamos toda a mudança num monte e cobrimos com a lona do caminhão.

O finado Thomaz Vicente tinha combinado com o meu pai que iria deixar quatro ou cinco ranchos prontos antes da nossa vinda porque aqui não tinha nada, era só mato. Chegamos aqui e ele não tinha feito nada, nada mesmo!

Tivemos que construir nossos ranchos. Meu pai e meus irmãos começaram a cortar a madeira verde, pau roliço, cortado no machado, baldeados no ombro, fincados no chão, amarrados com cipó. As ripas de cima era tudo de taboca e os ranchos cobertos com sapé.

Fomos trabalhando, fizemos um rancho para o meu cunhado Carlos Della Rovere e para cada um dos meus irmãos: Arlindo Scarpin, Ângelo e José.

Tudo era levado nas costas, porque tinha o carrinho, mas não tinha animal para puxar o carrinho. Não tinha ninguém que poderia emprestar um, pois por aqui não tinha ninguém, ninguém mesmo! Se você quisesse conversar com uma pessoa podia andar dez, doze dias “de roda” que não ia achar ninguém, só tinha a família do “Chiquinho Carreiro” morando lá no Córrego do Cervo e bem lá em cima.

Conforme as madeiras das casas foram secando foi aparecendo uns vãos largos nas paredes, os paus foram ficando um longe do outro. A gente dentro de casa via tudo lá fora, mas ficávamos lá dentro todos tranquilos.

Nas épocas de seca, de vez em quando, de longe vinha fogo “nesse mundão”. Quando a mata vinha queimando, a gente pegava e ia jogando água, muita água no telhado de sapé e na casa para tudo ficar bem molhadinho. Poderia cair faísca que não pegava fogo não. As faíscas vinham de longe, às vezes caíam num coqueiro seco, que pegava fogo, e já fazia outro foco de incêndio. Com isso o fogo ia se espalhando. Vinha cada fogo que dava medo, muito medo mesmo, parecia que o mundo ia se acabar!

Derrubamos no machado um pedaço de mata para poder fazer nossa primeira plantaçozinha de roça. Plantamos milho, mas o milho não “saía”, fomos ver só tinham as casquinhas do milho e o milho não nascia não.

Descobrimos que tinha umas formiguinhas amarelinhas que comiam todo o milho plantado. O que fazer? Não tinha nada para evitar as formigas.

Meu cunhado, Carlos, engenhou de passar o milho no querosene, que é o que tinha e plantamos novamente. Deu certo! Que milho bonito nós colhemos, melhoramos nossa situação.

Meu pai, quando veio, tinha feito compra para o sustento da família para durar um ano, tudo foi pago em dinheiro.

Depois de um ano a mercadoria trazida acabou. Acabou o açúcar, sal, querosene... Não tinha mais nada. Meu pai me mandou ir a cavalo até Jales.

Cheguei lá e não tinha açúcar, café, gordura, óleo, sal... Não tinha nada! Perdi a viagem. Passamos uns tempos lá em casa sem temperar a comida, cozinhando o arroz só com água. O arroz era socado no pilão.

Começamos a plantar gergelim para poder fazer óleo para temperar o arroz.

Ia-se a Jales no lombo de um animal, mas lá não tinha nada, não tinha nem um pãozinho para se comer. Começamos a ir fazer compras em Pereira Barreto (SP), que era muito mais distante, e lá melhorou a situação; conseguimos comprar um pouquinho de tudo, então já conseguimos tomar um cafezinho, comprar um salzinho para temperar a bicharada, porque aqui nós matávamos bicho para valer, tinha bicho demais.

Nós começamos a plantar milho, arroz, feijão, tudo dava para valer, terra nova e fértil. Abóbora dava tanto que poderia vender de “caminhãozada”.

A roça de milho sempre era atacada pelos catetos e pelos queixadas que gostavam de comer o milho, mas sempre sobrava um pouco para nós também.

Certo dia, as mulheres tinham lavado roupas e estendido para quorar todas no chão. Quando foram recolher as roupas, ficaram doidas, viram que todas estavam “embarriadas” com marcas de cascos. Elas pensaram que as vacas tinham sujado as roupas e os meus irmãos começaram a rir... Aqui não tinha vaca, as

vacas ainda não tinham chegado. Eram as antas que tinham passado por cima das roupas.

Bicharada nem se fala, tinha demais e de todo tipo. Era anta, cateto, capivara, queixada... Onça tinha, se via os rastros delas, meu irmão matou uma onça, das vermelhas, que tinha nove palmos. Onça dessas mais “pequinetas” (jaguatirica) tinha para valer.

Para caçar subia-se numa árvore, lá em cima, e fazia-se um giral de paus roliços que eram amarrados com cipó. À noite a caçada era “de espera”, subia-se no giral, sentava-se, ficava-se quietinho, lá no alto, esperando os bichos aparecerem. Quando vinha um eu batia o farol, iluminava o bicho e meu irmão lascava fogo. Anta era difícil de matar, atirava-se várias vezes, mas ela saía e ia morrer bem longe. Só uma anta meu irmão conseguiu derrubar, deu o tiro e ela ficou no lugar, inacreditável!

Certa ocasião sumiu um burro nosso. Saímos procurando dum lado, procurando de outro; vai daqui, vai dali, e não se achava esse burro. Procuramos para todo quanto é lado e não achamos o burro.

Quando foi um dia, apareceu um rapazinho e falou: -
Quanto você me paga para eu achar esse burro? Eu disse:

- Eu te pago “cincão”, só que você tem que trazer o burro aqui para mim! Naquele tempo era um dinheirinho mais ou menos.

O rapaz achou o burro, mas o dono do local não deixou tirar o burro de lá. Tocou eu ir lá buscar e ele entregou o animal.

Já no escurecer, engatei esse burro na traseira do carrinho para virmos embora à noite. O tempo “desgramou” a chover e tivemos que desarrear os animais e tive que pousar por lá. Voltamos no outro dia cedo.

A vida não foi fácil não!

O início da vila

O finado “Zé” Vicente resolveu formar uma vila vendendo alguns terrenos dentro da sua propriedade e pensou em dar o nome de “Nova Pindorama”. Começou na baixada onde hoje é a quadra coberta municipal com umas duas casinhas de pau a pique perto de dois pés de jatobás grandes que dava gosto de ver.

Depois apareceu o “Zé Roveri” farmacêutico, o coitado era fraquinho, fraquinho... Tinha dois, três vidrinhos de remédio na farmácia, mas agora a gente já tinha um farmacêutico e isso já ajudava bem para nós.

Ele vendia um remedinho aqui, outro ali e foi melhorando a sua situação.

Tempos depois, saiu da casinha de tábuas onde morava e tinha sua farmácia, fez uma casa de tijolos mais para perto da praça da igreja e com isso ele enriqueceu.

Passados alguns anos em que estávamos aqui, apareceu na vila o João Siqueira e montou uma vendinha onde ele vendia umas pinguinhas.

O “Zé” Vicente pediu para meu irmão Arlindo Scarpin e meu cunhado Carlos Della Rovere para achar um lugar mais no alto para se fazer uma capelinha.

Eles pegaram umas foices e saíram da baixada roçando no meio do mato até o altinho onde está, hoje, a igreja. Roçaram uma quadra, bem repicadinha, no meio da mata. Esperaram um tempo. O que foi roçado secou, eles aceraram de roda para não correr fogo na mata e botaram fogo para limpar o local.

Foi fincado um cruzeiro de aroeira, grande, bonito, feito pelo Donato Botta que era carpinteiro. Foi construída, também, uma capelinha muito pequena de pau a pique coberta de sapé onde o altar era um toco desses mais grossos. Quem rezava os terços era a mãe do Chiquinho Carreiro.

Esse local, hoje, é a praça da igreja matriz também chamada de Praça José Vicente Vicente.

A partir daí começou a vir para cá uma ou outra família e a vila começou a crescer.

Depois de uns dez anos que já estávamos aqui veio a família do Ângelo Galleti e a do André Ressude.

Mais algum tempo depois chegou o Liovergílio Cardoso e a vila melhorou, já tinha duas “vendas” boas: a do Américo Dias e a do Alberto Dias, com isso a gente não precisava ir mais a Pereira Barreto para fazer compras, aqui tinha de tudo o que a gente precisava: açúcar, sal, café, querosene... O querosene era muito importante porque para iluminar durante a noite eram usadas aquelas lamparinas a querosene.

Para vender os cereais que produzíamos apareceu um comprador de Pereira Barreto, um tal de “Capinha”.

Colocaram uma “Jardineirinha” (é assim que se chamavam os ônibus naquele tempo) para rodar levando passageiros entre Pereira Barreto e aqui, mas durou só um mês ou dois, não tinha gente suficiente para sustentar o negócio e continuou o pessoal tendo que andar de carrinho ou em lombo de animal.

O finado Antonio Marin comprou uma fazendinha e também tinha um caminhão. De vez em quando ele passava com seu caminhão, já com uma turma dele, pegava meus irmãos e iam até Jales. De lá vinham ajeitando, arrumando a estrada, era assim que mantinham a estrada entre Jales e Palmeira. Foi quando apareceu a vila Moreira que não foi para frente, mas tempos depois Antonio Marin fundou Marinópolis (SP).

Passados mais uns anos, Jales deu uma melhoradinha e começou a circular uma jardineirinha velha. Eu e meu pai resolvemos andar de jardineira e partimos para Jales, era uma estradinha no meio daquele mato, era mato para todo quanto é lado. No meio da viagem caiu uma roda da jardineira, o motorista conseguiu consertar, andou mais um trecho e a roda caiu outra vez. O motorista disse que não tinha mais jeito, os parafusos estavam espanados. Tivemos que chegar a Jales andando a pé.

E para voltar? Tivemos que voltar a pé. Andamos por aquela estradinha até chegar à nossa casa ao amanhecer do outro dia.

No começo aqui a vida era difícil, foi muito sofrimento. Não tinha “condução” (veículo motorizado), só se via de vez em quando o caminhão “V8” do Thomaz Vicente.

O “Zé” Vicente fundou a vila, mas Palmeira não ia para frente, ele andava sempre meio bêbado, ninguém confiava nele para comprar “data”, lote dele.

Quando o Inocêncio Figueiredo de Catanduva (SP) comprou a parte que o “Zé” Vicente havia loteado, ele conseguiu vender todos os lotes, foi um estouro, vendeu com tudo. Palmeira aprumou e então o nome da vila se firmou como Palmeira d’Oeste.

O mato que tinha foi-se acabando e Palmeira d’Oeste crescendo, hoje graças a Deus tem de tudo, tem estrada para todo quanto é lugar.



Marun Calil Haddad
2012

Uma vila de futuro

Sou filho de Magid Calil Haddad e Aurora Sales Haddad.

Nossa família veio de Monções (SP). A cidade de Monções estava fracassando porque a agricultura não estava andando bem, a terra já estava cansada. Meu pai, como árabe, era dono de loja e de um serviço de alto falantes na cidade. Os eventos e festas religiosas de lá, geralmente, eram organizados por ele.

Quando viemos para Palmeira d'Oeste, em 20 de janeiro de 1955, dia de São Sebastião, meu pai trouxe a loja inteira e toda a família. Éramos cinco irmãos: Suad, Chauc, Walter, Magida e eu.

Eu tinha pouco mais de sete anos de idade. Fiz o meu primeiro ano de escola no Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste com o professor Jamil, irmão do Fuad que foi delegado de ensino em Jales.

Palmeira d'Oeste era uma vila muito pequena, com poucas casas, tinha de dez a doze casas na área urbana. A igreja ainda não existia, as pessoas quando faleciam eram enterradas onde está hoje o jardim da igreja matriz.

A fama de terras baratas e ótimas para a agricultura trouxe muita gente para cá.

Na agricultura já se via um desenvolvimento muito grande porque as terras, naquela época, eram inexploradas, novas e férteis.

O desenvolvimento agrícola significativo deveu-se a colônia japonesa com a plantação de algodão e a colônia italiana no manejo de cafezais.

A pecuária era muito rudimentar, quase não tinha pecuária, milho se plantava muito pouco.

A loja que meu pai montou foi a primeira loja de tecidos e calçados da vila. Trabalhamos uns três anos sem nenhum concorrente. Meu pai ganhou muito dinheiro! Ele comprou um prédio, na Rua Brasil, no centro. A loja chamava-se Casa Combate e era conhecida como “O Dragão das Sete Portas”. Foi uma época áurea do desenvolvimento econômico da família.

Logo em seguida meu pai construiu o cinema com capacidade para 1.200 lugares com maquinários novos, modernos e de ótima qualidade. Foi uma grande novidade e tornou-se um cartão de visitas da cidade. O “Cine Brasil” foi inaugurado em 1960.

Eu tenho a impressão que meu pai ao estabelecer “O Dragão das Sete Portas” e logo em seguida construir o Cine Brasil deu um grande impulso para Palmeira d’Oeste. Foi um desenvolvimento espantoso!



1960 - Rua Brasil com o imponente Cine Brasil de Magid Calil Haddad ao fundo

O Cine Brasil

A vinda das Lojas Riachuelo para Palmeira d’Oeste, provocou um impacto significativo na loja do meu pai. Os sistemas

de trabalho eram muito diferentes. As Lojas Riachuelo era uma grande rede de lojas e isso fez com que meu pai diminuísse a nossa loja e no fim ficasse só com o cinema.

Foi uma época áurea, o cinema era das poucas diversões que se tinha na cidade, a frequência era maciça. Só não tínhamos sessões às segundas-feiras. Aos domingos tínhamos duas sessões e aos sábados uma sessão sempre lotada.

Uma vez por mês, numa sexta-feira, exibia-se um filme em duas sessões especialmente para as pessoas da colônia japonesa, com os 1.200 lugares do cinema sempre ocupados. Interessante observar que muitos dos casamentos entre japoneses foi resultado de um namoro iniciado nesse espaço que o cinema proporcionava às famílias japonesas.

O município de Palmeira d'Oeste cresceu e chegou a ter 35.000 habitantes, quase todos morando nos sítios e fazendas.

Os filmes eram sempre variados. Nós seguíamos quase a mesma programação da cidade de São Paulo. Os filmes que lá eram lançados depois de dois ou três meses estavam sendo exibidos aqui.

O cinema era “tocado” pela nossa família. Fazíamos de tudo, bilheteria, projeção de filmes... Todos nós trabalhávamos nele e éramos uma família muito feliz!

O cinema, apesar de ter frequência maciça de pessoas, por ser a única diversão do gênero existente por aqui, também tinha seus problemas. A manutenção do cinema era caríssima porque dependia de aluguel de filmes e como a população não era tão grande, éramos obrigados a passar um filme diferente a cada dia. Não era como em São Paulo capital ou outra grande cidade onde um mesmo filme ficava em cartaz durante um mês. Dessa forma a locação de um filme tornava-se muito difícil e cara. Apesar disso mantivemos o cinema por quatro anos.

Em 1964 vendemos o Cine Brasil para a empresa Curty de São José do Rio Preto que ficou com o cinema por mais alguns anos e depois também vendeu para uma outra empresa que eu desconhecia (o nome do Cine Brasil foi alterado para Cine Capri).

O prédio do cinema era uma construção muito sólida e imponente. Na época foi a única construção assistida por engenheiro e com planta.

Infelizmente permitiram que o prédio do cinema fosse demolido e no local o que foi construído não representa nada de extraordinário para a cidade.

É lamentável! Se aquele prédio estivesse intacto seria ainda hoje um prédio histórico e de grande serventia para a cultura da cidade.

Culturalmente falando, acho que esse cinema foi uma das grandes coisas que aconteceram na cidade de Palmeira d'Oeste.

Eu penso que meu pai, Magid Calil Haddad, pela sua coragem, pela sua desenvoltura, pela sua visão, foi um homem muito importante para a cidade.

Gostaria de deixar registrado o meu agradecimento ao povo de Palmeira d'Oeste, essa gente tão bondosa, tão trabalhadora e honrada que tem proporcionado o desenvolvimento desta cidade.

Fontes de cultura



1968 - José Simões Cavalheiro

O primeiro clube da vila de Palmeira d'Oeste foi fundado por Jose Simões Cavalheiro na Rua Brasil.

Era um clube com vários sócios onde eram realizados bailes mensais com orquestras.

Entre tantos, recordo-me de João Rodrigues, Românticos do Caribe e uma orquestra só de violinos que vinha frequentemente e da qual não me lembro o nome... Víamos uma população com

peças simples, mas os bailes eram festas de gala, festas bonitas, uma realização da cidade.

Nessa época tinham muitos professores e outras pessoas que vieram de fora.

Esses bailes não me saem da memória porque eu fazia parte desses eventos, era um assíduo frequentador.

Na área de comunicação nós tínhamos o Serviço de Alto-falante instalado no prédio do Cine Brasil. Toda noite funcionava o Serviço de Alto-falante veiculando notícias, fazendo propagandas e tocando músicas, era muito interessante para a cidade. Tínhamos uma grande variedade de discos de vinil.

Sei que fomos uma família que fizemos bastante por Palmeira d'Oeste, mas aproveitamos dela também. O meu pai, no meu entendimento, enriqueceu nessa época, foi um homem muito rico da cidade, fomos uma das famílias importantes.

Destaco que o cinema não servia só para a projeção de filmes e casa para espetáculos. Todos os eventos culturais se realizavam no cinema, colações de grau das escolas, encontros políticos, palestras, shows... Artistas famosos na época fizeram seus shows no Cine Brasil. Dentre outros artistas, lembro-me de Tião Carreiro e Pardinho que vieram aqui em Palmeira d'Oeste umas quatro ou cinco vezes, com isso fiz boa amizade com eles.

Outra coisa importante! Todas as reuniões para a instalação e criação do município foram feitas nas dependências do cinema quando este já estava em fase final de construção. Reuniam-se as principais famílias da vila, políticos e líderes, tais como: José Roveri, Jonas Relojoeiro, Manoel Pantaleão, João Gurian, Américo Dias... Américo Dias, um pioneiro, um grande empreendedor, um realizador que deu grande impulso nas construções de Palmeira d'Oeste.

O cinema era uma fonte de cultura real e importante.

Uma outra coisa importante a ser citado é que Palmeira d'Oeste tinha uma fanfarrinha pertencente ao Colégio Comercial do Serapião com 50 elementos e eu era a pessoa responsável pela sua direção. Fazíamos os desfiles comemorativos das festas patrióticas.

Um outro evento marcante era a chamada "Peruada", um desfile de rua que gerava uma polêmica danada e era realizado uma vez por ano, me parece que em todo fim de ano. A Peruada era um evento onde os alunos do Colégio Comercial do Serapião faziam

críticas ao prefeito, ao comércio, a coisas que eles achavam que tinha que melhorar. Era uma festa muito assistida, pois era feita com humor, com “gozação” e ficou muito famosa.

A idéia de se fazer um evento assim veio do professor Francisco Serapião que havia se formado em Ribeirão Preto (SP) e lá era uma festa tradicional.

Na primeira Peruada o Zé Roveri, que foi um grande cidadão de Palmeira d’Oeste, era tido como um cara “pão duro”, muxiba, que não gastava dinheiro de jeito nenhum. Meu pai era muito amigo do Zé Roveri, era como se fossem irmãos. Tive a idéia e anunciamos que iríamos mostrar o “maior pão duro de Palmeira d’Oeste” no desfile. Meu pai e minha mãe sabendo da minha intenção ficaram preocupados, não acreditaram que íamos mostrar o Zé Roveri. Meu pai ficou louco de raiva! Chegou o desfile e não mostramos o Zé Roveri, mostramos um pão duro gigante, não mostramos o cidadão Zé Roveri... Na verdade representava o Zé Roveri, era um desfile de “gozação” e críticas.

Era uma festa muito bonita.

Américo Dias

Em minha opinião, sob o meu ponto de vista, a pessoa mais importante para o desenvolvimento inicial de Palmeira d’Oeste foi o Sr. Américo Dias casado com a Dona Nair.

Por que?

Porque Palmeira d’Oeste não tinha nada na zona urbana.

Américo Dias montou venda de secos e molhados, abriu posto de combustível, tinha padaria, um pequeno cinema com máquina de 16 milímetros.

As maiores construções que existiam aqui foram construídas por ele, inclusive a grande loja que meu pai montou, a “O Dragão das Sete Portas”, foi em um prédio adquirido do Américo Dias.

Agora na vila as pessoas podiam comprar arroz, feijão, açúcar, sal, querosene... Podiam abastecer os veículos que por aqui passavam e podiam entreter-se no pequeno cinema, tudo conseqüência do trabalho do Américo Dias.

Américo Dias fazia uma propaganda espetacular, deixou Palmeira d'Oeste famosa!

Essa pessoa, a meu ver, foi um esteio, um iniciador, um empreendedor importante para Palmeira d'Oeste. Não sei se ele está morto ou vivo, mas eu tenho o maior respeito por esse grande cidadão de Palmeira d'Oeste.

No entanto não se vê o registro da lembrança dessa pessoa. Eu acho que a Câmara de Vereadores, no mínimo deveria dar um diploma em reconhecimento a esse cidadão, pois ele foi muito valioso para essa cidade.

As escolas

Palmeira d'Oeste, como a maioria das localidades que existiam por esses lados, naquela época, só tinha um grupo escolar com o ensino fundamental que ia até o quarto ano do grupo. Não tinha o ginásio.

Quem quisesse que seus filhos continuassem estudando era obrigado mandá-los para fora e o mais próximo era Jales, mas a estrada para Jales era de terra, muito ruim, quando chovia não dava passagem; assim era muito dificultoso fazer o ginásio em Jales.

Lecionava numa escola rural um professor e sua esposa, Francisco Augusto César Serapião e Adélcia da Matta Serapião. Se eu não estiver enganado, me parece que eles tiveram sete filhos, um homem e o restante todas mulheres. O homem, um dos filhos do meio, chamava-se Francisco e hoje é um advogado que trabalha em São José do Rio Preto.

Francisco Serapião, sem muitos recursos financeiros, construiu e abriu uma escola ginásial, uma escola comercial. Em 1962 iniciou a sua primeira turma, inclusive eu que tinha parado com meus estudos aos treze, quatorze anos, consegui seguir em frente até concluir a quarta série ginásial.

Hélio Ponce e muitos outros também aproveitaram essa oportunidade, tornaram-se homens destacados. Vários advogados, vários médicos, passaram pela escola do Serapião.

Culturalmente falando, o professor Francisco Augusto César Serapião está entre os grandes nomes que Palmeira d'Oeste deve destacar. Uma pessoa extraordinária, decente, honesto, fez

para o ensino, para a cultura de Palmeira d'Oeste, o que melhor ele podia fazer na época. À ele, registro aqui, as minhas melhores homenagens e agradecimentos por tudo que eu sou. Tudo o que fiz e tudo o que eu tenho devo, grande parte, ao professor Francisco Serapião. Se hoje eu sou alguém dou os créditos ao estudo que iniciei em sua escola. Para mim será uma pessoa sempre lembrada com muito carinho e com muito amor.

Quando terminei o ginásio fui fazer o primeiro ano do clássico e o primeiro do normal em São José do Rio Preto (SP).

Com o Serapião eu tinha estabelecido uma grande amizade, ele gostava muito de mim.

O professor Serapião, nesse tempo, estava pensando em abrir o curso normal em Palmeira d'Oeste. Olha ter um curso desses aqui era algo estrondoso na época, era como ter uma faculdade nos dias de hoje. Os trâmites burocráticos na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo eram complicados e ele estava encontrando muita dificuldade para obter a autorização para implantar o curso normal em sua escola.

Eu sempre fui um cara muito esperto nas coisas.

Na época o governador do Estado de São Paulo era o Ademar de Barros. Tive uma idéia, sugeri que se colocasse o nome da mulher do governador na escola. Foi com isso que o Serapião conseguiu a autorização para abrir o curso.

Muitos professores se formaram através da escola do Serapião.

Depois fui para a cidade de São Paulo estudar direito e fiquei por lá.

A escola posteriormente foi vendida para a Prefeitura Municipal e funciona até hoje.

A família do professor Serapião mudou para São Simão (SP), não sei o motivo. O professor já faleceu, mas a professora Adélia ainda está viva, os filhos estão todos juntos com a mãe. Eu pretendo visitá-los o mais breve possível.



Ginásio Comercial do Serapião



Formatura no Cine Brasil.

No centro: professor Francisco Augusto César Serapião e sua esposa professora Adélcia

Palmeira d'Oeste hoje

Eu saí de Palmeira d'Oeste como professor primário e fui para a cidade de São Paulo em 1968.

Prestei vestibular para a faculdade de direito, que na época era muito difícil, mas tive a sorte de passar no meu primeiro vestibular numa faculdade de Mogi das Cruzes (SP) chamada Braz Cubas. A minha intenção era terminar a faculdade e voltar para Palmeira d'Oeste porque aqui era o meu berço, aqui eu tive minha infância e juventude, os meus amigos...

Uma vez em São Paulo (Mogi das Cruzes é bem próxima de São Paulo) percebi que o futuro de um advogado, para a época, era São Paulo e então fiquei por lá. Instalei meu escritório e me dei

muito bem na advocacia, mas sempre vinha para Palmeira, pois meus pais continuavam morando aqui, vinha visitá-los.

Comecei a perceber um desenvolvimento muito grande de Palmeira d'Oeste quando fizeram o asfalto ligando Palmeira a Jales (Rodovia Euphly Jalles – SP 563), pois antes era uma estrada de terra onde era muito difícil o acesso. Na época de chuvas não se transitava. Eu achei que aquele caminho era o caminho para o progresso.

Logo em seguida eu vi o asfaltamento da estrada que liga Palmeira a Rodovia Feliciano Sales Cunha - SP 310, esta liga Pereira Barreto (SP) a Mirassol (SP), é um prolongamento da Rodovia Washington Luiz – SP 310.

Eu assisti grande parte do processo de asfaltamento dessa estrada porque eu tinha uma fazenda em Guzolândia (SP). Todo mês eu vinha para a fazenda e fazia esse trajeto para visitar os meus parentes. Daí para frente eu vi que Palmeira d'Oeste se desenvolveu.

Hoje vendo Palmeira d'Oeste, como vi várias cidades do interior, acho que ela experimentou um desenvolvimento fabuloso e conseguiu fixar o homem aqui na região.

Antigamente para você ser alguém, você tinha que sair daqui, hoje você consegue ser alguém aqui mesmo.

Vejo uma população muito educada, coerente. Não vejo agressividade através de crimes.

Penso em um dia voltar a morar em Palmeira d'Oeste, talvez seria a minha maior realização na vida. Estou aqui hoje e a cidade está muito bonita, com muito conforto.

O comércio é fabuloso com lojas lindas, tudo o que você quer você encontra aqui como se estivesse em São Paulo, a capital do estado. Por isso eu parablenizo o povo dessa cidade. Essa gente que se mostrou ordeira, progressista e que demonstra muito amor por Palmeira d'Oeste. Isto para mim é muito importante!



1967 – Fanfarra em desfile



Acrizanto José Tavares
2021

A chifrada da vaca leiteira

Quando viemos para Palmeira d'Oeste, já estava morando aqui um tio meu, irmão do meu pai. A família veio numa pobreza danada e com aquela filharada!

Lá pelos idos do ano de 1954, no nosso sítio (Sítio São José), no bairro rural da Fazenda Cacique, entre o córrego do Cervo e o córrego do Banhado, deu uma geada e pouco tempo depois pegou fogo em tudo quanto é coisa.

Meu pai tinha um amigo dele, um compadre, chamado José Rodrigues. Esse compadre se compadeceu com nossa situação e emprestou uma vaca leiteira para que as crianças da nossa família tivessem o seu leite do dia a dia. Era uma vaca preta e com fama de ser muito traiçoeira.

Meu pai fez um curralzinho. Cortou uns troncos de palmeira “macaúva” (macaúba) para fazer os palanques e as pranchas. Era daquele leitinho que a gente bebia, da vaca que se chamava Fumaça.

Como na época tinha pouco capim, quando a gente ia tratar dos porcos, pegávamos um pouco de palha para dar para a vaca. Quem era o responsável de ficar dando palha para a vaca? Era eu, molequinho de uns quatro anos de idade. Eu pegava palha dentro do balaio, de quando em quando, e dava porções para a vaca comer e ficar mais calma.

Num belo dia, dei uma bobeadá, acho que me distraí, demorei um pouco mais do que deveria entre dar uma porção e outra de palha para a vaca e, então, ela chifrou o meu pai que

estava tirando o leite. Chegou a erguer o velho para cima, o danado do chifre pegou bem no meio do saco do meu pai... Meu Deus! Fez um corte que abriu o saco escrotal do meu pai. Diante daquela situação ele pediu que eu fosse correndo chamar o compadre Divino (era um dos irmãos dele).

O tio Divino era daqueles que “de médico e louco todo mundo tem um pouco”, acho que ele era meio médico.

O velho Divino chegou, olhou o meu pai deitado e o saco dele sangrando, já meio roxo, se bem que já era meio roxo por natureza. Do jeito que o chifre da vaca pegou fez um corte, rasgou de dois lados formando um triângulo. Meu tio Divino chegou à conclusão que tinha que dar uns pontos para corrigir a ferida, senão ela não fecharia.

Naquela época transporte era só a cavalo. Como iria por o velho montado em cima dum cavalo e com o saco rasgado? Não tinha jeito!

Na vila de Palmeira d’Oeste tinha a farmácia do “Zé Roveri”, a do Barão e a do Renato.

Meu pai disse pro tio Divino: - “Ó” compadre, vai lá numa farmácia da vila e pega uns negócios, tem que costurar o saco “né”? O saco abriu!

Meu tio Divino montou na sua eguinha e rapidinho foi para a vila, chegou à farmácia do Renato, onde ocorreu o seguinte diálogo atentamente observado pelos fregueses que se encontravam no local:

Renato – O que o senhor deseja?

Tio Divino – O senhor tem linha de costurar gente?

Renato – Sim, tenho.

Tio Divino - O senhor tem mercúrio?

Renato – Tenho.

Tio Divino - O senhor tem gaze?

Renato – Tenho.

Tio Divino - O senhor tem esparadrapo?

Renato – Tenho.

O Renato e os presentes ficaram preocupados!

Renato – Afinal de contas, o que foi que aconteceu?

Tio Divino - É que uma vaca investiu no meu irmão e rasgou o saco dele e eu mesmo vou costurar o saco do meu irmão.

O Renato, então rapidamente, providenciou tudo o que foi pedido.

Renato – Está aqui tudo o que você pediu e mais uma agulha e uns comprimidos. Você não vai levar uma anestesia?

Tio Divino - Não, vou não.

Renato – Olha, bico de agulha dói muito, é pior do que chifre de vaca!

Tio Divino - Ele é meu irmão, eu o conheço bem, ele aguenta!

De volta ao sítio, meu tio Divino auxiliado pela minha mãe que segurava o saco do meu pai, deu três pontos, um na “cabeça do triângulo” e mais um de cada lado. Costurou o saco do meu pai sem anestesia. Ele estava certo, o velho aguentou! No outro dia o saco inchou, virou uma grande bola, mas no terceiro dia meu pai já estava trabalhando normalmente. O procedimento cirúrgico foi um sucesso! Não era para menos, pois meu tio Divino já tinha boa prática, era um excelente capador de porcos.

Minha primeira cerveja

Certa vez, vim a cavalo até a cidade e fui até o “bar do Miro”, ali na rua Brasil. Ainda eram aquelas mesas rústicas de madeira. Nessa época não tinha energia elétrica na vila. Não existia geladeira, cerveja para ser gelada era colocada num tambor com palha de arroz e gelo.

Chegou um pessoal no boteco e pediu aquela cerveja da faixa azul; e eu pensei: vou tomar uma cerveja também.

O “Miro”, ao perceber minha presença, perguntou: - O que é que você quer moleque?

Respondi: - Uma “catarca”.

“Miro”: - O que? Não entendi.

Eu: - Quero uma “catarca”.

“Miro”: - Não seria uma cerveja Antártica?

Eu: - Isso, isso, é isso aí mesmo!

O “Miro” foi até o tambor, pegou uma cerveja e a abriu para mim. Foi a primeira vez que bebi na minha vida. Quando dei a primeira golada, que coisa ruim! Eca! Só não joguei fora porque

tinha mais gente no boteco e eu precisava mostrar que era um moleque “macho”.

Para cada gole que eu tomava, notava que alguma coisa ia subindo para a cabeça. Bebi a garrafa todinha. Ao esvaziar a garrafa da cerveja já estava bem zozzo.

Voltei para casa dormindo, zonzinho, na cacunda do cavalo até chegar no nosso sítio.

Eu tinha uns nove anos de idade e o “Miro”, aquele “sem vergonha”, vendeu a cerveja “catarca” para mim. Naquele tempo não tinha problema vender bebida alcoólica para menores.

Nossa família era freguês ali, comprava fiado, depois o “Miro” mandava a conta e meu pai pagava.



Valdomiro (“Miro”) Murzani e sua esposa Maria A. Murzani

O revólver 38 de cano rachado

No sítio São José, onde a gente morava, tínhamos um vizinho, o Fernandes, que era caçador e tinha uma cachorrada de caça, tudo macho.

Certa ocasião, meu pai comprou uma cabeça de boi para fazer sabão. Preparou o tacho no quintal de casa, acendeu o fogo e largou o fogo aceso de um dia para o outro. Durante a madrugada a cachorrada do Fernandes veio e levou a cabeça de boi. Achamos só os ossos, lá em cima, no meio do pasto. Ficamos sem o sabão.

Galinha lá em casa não conseguia produzir ovo, os cachorros do Fernandes ficavam na espreita. Do jeito que a galinha botava, os cachorros roubavam e comiam o ovo.

Meu pai, já acabrunhado e cansado com aquilo, resolveu dar um jeito nessa situação.

Fez umas armadilhas de laço colocando um ovo “choco” no centro da laçada, nessa idéia ele conseguiu pegar e matar uns quatro cachorros do Fernandes. Os cachorros, depois de laçados, eram abatidos com tiro de um revólver calibre 38 da minha avó, que de tão velho o cano já tinha rachado.

Nessa época, 1954, Palmeira ainda não era muita coisa, polícia só tinha em Jales. O Fernandes foi até lá e “deu parte do meu pai”.

Meu pai era um velho bacana, meu melhor amigo, não tinha estudo, pouca cultura, mas tinha sabedoria.

O Sr. José Tavares recebeu uma intimação para comparecer na delegacia de polícia de Jales e era para levar o revólver, mas ele não levou não, afinal de contas o revólver não era dele.

Na delegacia de Jales o delegado perguntou: - “Seu Zé”, que negócio é esse do revólver aí... Esse negócio de matar cachorro dos outros... O que é que o senhor me fala disso?

Meu pai: - Doutor quem foi que deu parte?

Delegado: - Foi o Fernandes.

Meu pai: - Então, ele que conte a história, ele que fale o que foi, ele foi quem deu parte, não fui eu.

Como testemunha tinha um tal de “Antonio Pito” (mais tarde tornou-se compadre do meu pai), um sujeito que plantou muita grama nessas estradas por aqui e que contou toda a história para o delegado, pois achava que aquilo não estava certo. Nos dias de hoje também acho que não estava certo, mas os cachorros também não poderiam estar lá fazendo toda aquela estripulia.

Meu pai explicou para o delegado: - O negócio é o seguinte, eu nem sabão em casa eu tenho. Ovo? Esquece! Galinha lá não tem mais...

O delegado interrompeu a conversa e perguntou: - E o negócio daquele revólver do cano rachado?

Meu pai: - Que revólver? Não sei uai... A gente pode andar com um pedaço de mandioca na cinta e tem gente que vai pensar que é um revólver!

O delegado ficou ali pensativo por algum tempo e disse: - “Seu Zé” continua com o seu laço lá; se algum cachorro insistir em dar prejuízo ao senhor ou morder alguém, volte aqui que nós vamos prender é o dono da cachorrada!

Depois disso seguiu tudo muito tranqüilo no nosso sítio.



Hermenegildo Jose Ferreira
2022

O grande vendedor

Palmeira d'Oeste já possuiu alguns personagens caricatos: "Pisa na Fulô", "Dito Bobo", "Paco", "Ceará", "Passo Longo", "Lambari"...

O "Lambari" era um sujeito que diziam ter sido um ótimo motorista de carretas (caminhão Scania) antes de se perder na cachaça. Escondia-se lá pelos lados do Córrego da Anta, sem família. Frequentemente aparecia na cidade anunciando a venda de buchas que catava por aí e trazia amarradas nas suas costas. Vendia as buchas e seguia perambulando de boteco em boteco, tomando os seus goles. Tinha boa aparência: alto, magro, falante, simpático, uma boa pessoa.

Certa feita, lá pela década de 70, doutor "Chiquinho" chegou a sua casa, após um dia de trabalho no seu hospital e viu sobre a mesa meia dúzia de limão galego. Reconheceu os limões de imediato!

Ele vinha cuidando com muito carinho de um pequeno pé de limão galego no seu quintal e estava acompanhando o desenvolvimento destes limões desde a sua florada. Era tempo de entressafra, limão andava escasso na praça e ele tinha a intenção de fazer umas caipirinhas quando os poucos limões do seu pé chegassem ao ponto de serem colhidos.

Lá estavam os seus limões sobre a mesa, alguém os havia colhido.

Chamou sua esposa, a Dona Lauricy e perguntou:

- Foi você que colheu esses limões?

Ela respondeu:

- Não! Esses limões eu comprei. O “Lambari”, coitado, passou aí vendendo esses limões e eu os comprei para ajudá-lo.

Doutor Chiquinho não conteve a risada e gargalhou; o danado do “Lambari” havia entrado sorrateiramente no seu quintal, colhido seus preciosos limões e vendido ali mesmo para a distraída e desavisada esposa.

“Lambari”, além de gatuno, mostrou-se um mestre na arte de vendas!

Presume-se que o capital obtido foi gasto no boteco mais próximo.



“Lambari”



“Dito Bobo”

Um dia de “bang bang”

Quase toda criança possuía avós, tios e tias afetivas. Comigo não foi diferente. Morando longe dos parentes, “fui adotado” pela avó Maria Goulart (mãe dos patrões do meu pai: “Zezão” e Miguel Goulart) e pela sua filha “tia Gabriela Goulart”. Certo dia de domingo, lá pelos idos de 1963 estava passando a tarde em companhia das tias Gabriela e Jadir Motta. Ambas no início das suas mocidades. Estávamos no alpendre da casa do Sr. Antonio Motta, pai da “Tia Jadir”. A família morava ali na Avenida Carlos Gomes, onde hoje é o prédio da Rodoviária Magid Calil Haddad.

Era um dia de calor de lascar.

Do nada apareceu um sujeito na maior carreira, passou, como um tiro, correndo do outro lado da rua. Dobrou a esquina, seguiu pela Rua Duque de Caxias e se escondeu no quintal de uma máquina de arroz que ficava no meio da outra quadra.

Em seguida apareceu um grupo de uns quatro homens em marcha acelerada, todos com revólver em punho; pararam na frente da casa e gritaram: - Vamos lá Antonio Motta! Ele, imediatamente, saiu com seu revólver e se juntou ao grupo.

Eu, moleque curioso, criança de uns cinco anos de idade, achei tudo aquilo muito interessante. Assim que o grupo reiniciou a perseguição, saí correndo atrás deles. Eu queria brincar de “mocinho” caçando “bandido” que era uma brincadeira comum dos moleques daquele tempo. Nós imitávamos o que víamos nos filmes de “bang bang” exibidos no Cine Brasil do Sr. Magid.

Desesperadas, minhas tias saíram correndo atrás de mim gritando para que eu voltasse, mas eu nem dava bola. Elas conseguiram me agarrar e deter já dobrando a esquina onde hoje está a Agência dos Correios. Naquela época ainda era um lote vago.

Trouxeram-me de volta para a segurança da casa.

Era só pipoco que se ouvia, deram muitos tiros, fiquei fascinado!

Depois de alguns minutos aquele grupo que havia descido todo agitado, voltava caminhando tranqüilo... Despediram-se do Sr. Antonio Motta com o semblante de “missão cumprida”, me pareceu que os “mocinhos venceram”!

Desconfio que naquele dia “botaram um malandro pra correr pra longe” e resolveram um problema na cidade.

Naquele tempo, às vezes, era assim que se solucionavam algumas pendengas.

Brincadeiras de crianças

Na minha infância os brinquedos e brincadeiras dividiam-se em três classes: tipicamente de moleques, tipicamente de meninas e os comuns aos dois sexos.

Os dos meninos geralmente eram mais brutos e os das meninas mais delicados, leves e limpinhos.

A compra de algum brinquedo era coisa extremamente rara. Os brinquedos tinham que ser construídos pelas próprias crianças ou por algum adulto da família.

Muitas eram as brincadeiras, algumas são realizadas até hoje: cantigas de roda, pião, pular corda, bolinha de gude, amarelinha, caracol, passa anel, pega-pega, bobinho, esconde-esconde (ou pique - esconde) balança caixão, cabra cega, jogo de “bétia” (bets, raquete), rodar aro, caçar com estilingue, carriola, corrida de saco, corrida de ovo, escravos de Jó, está quente ou está frio, pé de lata, queimada, telefone sem fio, perna de pau, rola pneu...

Papagaio

Hoje as crianças empinam pipas. Na década de 60 eram chamados de “papagaios” e os formatos eram diferentes. Tinha o papagaio propriamente dito de cabeça losangular e rabo em forma de corrente; o maranhão, sem rabo e com barbelas na lateral da cabeça; e ainda o capucheta que não usava varetas.

Não eram comprados prontos, como hoje, eram confeccionados em casa.

Usava-se varetas feitas de taboca ou bambu seco, folhas de jornal ou papel de seda que também se usava para encapar os cadernos da escola, cola tenaz ou arroz cozido na falta desta, carretel de linha de algodão nº 10 e uma latinha vazia de óleo ou outra coisa para enrolar a linha no seu entorno.

Futebol de rua

O futebol de rua era jogado colocando-se dois tijolos para marcar a posição da “trave” (o restante da trave ficava na imaginação dos jogadores). Uma trave de cada lado do campo de terra. Dividia-se o campo ao meio, seus contornos eram mal definidos, geralmente as laterais da rua. Formavam-se dois times, um de camisa e o outro sem camisa. Não podiam jogar com calçado no pé, todos tinham que estar descalços.

Basicamente existiam três tipos de bola: bola de meia que era construída com uma meia velha preenchida com capim seco;

bola de bexiga de animal (porco, cabrito, carneiro) enchida com ar com a própria boca e bola de “capotão” (bola de couro costurada à mão com câmara de ar de borracha). Se não fosse possível nenhuma dessas três utilizava-se qualquer coisa que se pudesse chutar sem machucar muito os pés como, por exemplo, latas vazias.

Toda rua tinha os seus jogadores. De vez em quando uma rua desafiava a outra e marcava-se uma partida para saber quem eram “os bons”.

As partidas não tinham hora para terminar. Na realidade terminava quando escurecia e não se enxergava mais nada, pois não existia iluminação elétrica.

Como as definições de limites do campo e das traves eram imprecisas, as discussões eram frequentes: “Não foi gol, a bola passou por cima da trave”... “Foi gol sim a bola passou dentro do gol”... “A bola saiu fora do campo”, “não a bola não saiu, estava dentro do campo”; coisas do tipo...

Não tinha juiz e as marcações de faltas eram problemáticas, pois eram feitas pelos próprios jogadores.

Circo

O circo, esta manifestação cultural, quando aparecia na cidade, era uma agitação, principalmente no meio das crianças. Alguns que não tinham dinheiro para pagar a entrada conseguiam algum serviço no circo para poderem assistir o “espetáculo” de graça, outros dando uma de espertos “furavam a lona”, isto é: sorrateiramente entravam escondidos vazando por debaixo da lona que cercava o circo. Na maioria das vezes eram surpreendidos e colocados de volta para fora.

Na minha rua, Rua Catanduva, que era onde passavam as boiadas, brincávamos de circo. Juntavam-se dois ou três amigos e com troncos de pé de mamona, taboca, sapé, capim seco, construía-se um circo, ficava parecendo mais uma pequena oca de índio, era tão baixo que só se cabia dentro com todos sentados.

O pagamento da entrada no circo era com palitos de fósforo, geralmente surrupiadados das cozinhas das mães dos espectadores. O espetáculo resumia-se a piadas, estórias e causos, pois lá dentro mal se podia mover.

Guerra de mamonas

No entorno do quintal, da máquina Tupi dos Irmãos Alvarez (Baptista, Antonio e Luiz) existiam muitos pés de mamona que nasciam espontaneamente por lá.

Às vezes a molecada da região se juntava e se dividia em dois grupos, cada um com seu estilingue e um cacho de mamona verde.

Tomávamos posições defensivas e promovíamos ataques aos “inimigos” dando neles pelotadas de mamonas com nossos estilingues. Era bordoadada para todo quanto é parte do corpo, as roupas ficavam manchadas de verde com as marcas das mamonas. No máximo ardia o couro, nunca ninguém se machucou.

Nessa guerra o mais difícil para um guerreiro era quando acabava a munição. Ele tinha que se expor. Tinha que sair correndo, atravessar a cerca de arame farpado, ir até um pé de mamona na beira do cafezal do Sr. Ricardo Secafen, subir nele, catar um cacho de mamona verde, descer e procurar novamente uma posição de defesa. Nesse tempo o pelotão inimigo inteiro aproveitava para descarregar suas pelotadas no coitado.

Confesso que não era dos melhores com um estilingue nas mãos, na verdade eu acho que era a pior mira da turma, nunca conheci um moleque pior do que eu.

Os montes de cascas de amendoim

Na época da safra do amendoim, anos 60, a Máquina Tupi, que ficava próxima à minha casa, beneficiava o amendoim e as cascas saiam por uma tubulação. Era tanta casca de amendoim, que no final da safra, formava um monte, muito fofo, com altura maior do que a da máquina e com uns 20, 30 metros de diâmetro.

Nos finais de tardes, quando o sol dava uma amenizada, a molecada ia brincar lá. Subia-se até o seu topo, o que demandava um esforço significativo, para fazer o “rola fumo”, dar “salto mortal”, realizar “lutinhas”... Assim numa tarde eram várias e várias subidas até o topo do monte.

Com o passar do tempo o monte de cascas de amendoim ia ficando menos fofo, ficando mais firme, mais compacto, resultado desse pisoteamento da molecada.

Agora apareciam novas modalidades de brincadeiras como os “vivo morto” e a construção de “túneis” que atravessavam o monte com diâmetro suficiente para se passar por ele na “posição de gatão”.

Dicionário informal

Rola fumo: duas crianças se abraçam no alto do monte de amendoim, deitam e saem rolando abraçadas monte abaixo até se ralarem na terra dura ao pé do monte.

Salto mortal: volta completa do corpo no ar, sem tocar as mãos no chão, praticado por atletas, acrobatas e os moleques maluquinhos da minha rua.

Lutinha: modalidade de combate derivada da luta livre. Dois lutadores empregam a força e inteligência para dominar o oponente usando apenas partes do corpo para ataque e defesa. Valia tudo, exceto golpe baixo, socos, pontapés e dedo no olho. Vencia quem imobilizava o oponente. Às vezes os lutadores esqueciam as regras e partiam para a briga e eram imediatamente “apartados” pela platéia.

Vivo morto: abria-se uma cova na encosta do monte de cascas de amendoim, um da turma colocava uma mão protegendo seu nariz e era enterrado (ou seria “encascado”?) pelos demais. O restante continuava brincando na superfície. Nunca ocorreram acidentes, a permeabilidade ao ar do monte de cascas de amendoim era boa.

Túneis: galerias subterrâneas que se comunicam com algum lugar ou ligam duas partes de um caminho. Cavados à mão, e planejados “à olho”, essas obras de engenharia eram executadas atravessando a base do monte de cascas de amendoim, em diferentes níveis, diferentes direções e com algumas interligações.

Posição de gatão: como no andar dos gatos, posiciona-se de joelhos com as palmas das mãos e o dorso dos pés no chão, de “quatro”.

Lutinha romana

Inspirados nos filmes do Cine Brasil que retratavam a época romana, ameninada confeccionava espadas com ripas pesadas de madeira e imitavam essas batalhas.

Lutinha do Zorro

Por influência dos filmes do Zorro os moleques construíam suas espadas (floretes) para brincarem de luta. A lâmina era feita com uma ripa fina de bambu. O copo do florete feito com uma tampa de lata de manteiga travada com prego encravado na lâmina acima e abaixo.

A capa do Zorro era improvisada amarrando, ao pescoço, o avental de cozinha surrupiado às escondidas da mãe. A máscara feita com elástico e papelão.

Numa dessas lutas acirradas ocorreu uma tragédia. O “Osmar Galinha” (Osmar Luiz Migliorança), quando tinha lá os seus dez anos de idade, ficou cego do olho esquerdo. Seu oponente, filho do gerente do Banco Novo Mundo, fincou a ponta da espada bem dentro da “bola do zóio” do coitado. Um pedaço do olho ficou na ponta da espada.

Índio

Faziam-se cocares com penas de galinhas e pássaro, pintavam-se os rostos com coloral (urucum), construíam-se arcos e flechas com bambus para atirar em algum inimigo imaginário.



*1968 - Máquina Tupi
(dos irmãos Alvarez: Baptista, Antonio e Luiz)*



Marco Antonio Mendonça Vicente
2014

Maria Eliza, a primeira professora

Sou sobrinho do fundador de Palmeira d'Oeste. Sou filho de Maria Eliza Mendonça Vicente e Orlando Miguel Vicente.

Minha mãe foi para Palmeira d'Oeste para ser a primeira professora com formação específica para a função. No início residia junto com a família do José Vicente Vicente e nesse tempo iniciou o namoro que culminou com seu casamento com o meu pai.

Meus pais doaram para a igreja de Palmeira d'Oeste, a Igreja de Santa Luzia, um cálice e um belo ostensório, me parece que são utilizados até hoje. Minha mãe fez a oferta, recebida pelo pároco da época, Padre Afonso, em nome de todos os seus três filhos já nascidos. Minha mãe estava na minha gestação, a sua quarta. Assim o pedestal do ostensório foi grafado com os seguintes dizeres: *Oferta de Maria Angélica, Maria Ângela e Marco Aurélio M. Vicente, 16/07/59.*

Uma passagem pitoresca. Meu pai viajava muito, transportando café beneficiado direto para exportação no Porto de Santos. Nessas viagens, ele ficava preocupado, pois minha família morava numa casa de tábuas próxima a rota de caixeiros viajantes, e deixava com a mamãe um revolver 38 e uma espingarda Winchester, todos carregados.

Mamãe atirava muito bem e não tinha medo, pois ela era filha de Bento Ramalho de Mendonça, exímio atirador e caçador, companheiro do Padre Nunes de Monte Aprazível.

Certa ocasião, lá pelos idos de 1952, mamãe fazendo tricô na cadeira de balanço com sua secretária, Júlia, ouvia novela no

radio e sob a luz de um lampião, escutou ao longe um “pocotó, pocotó, pocotó...”. Era um cavalo que foi se chegando e parou próximo a nossa casa. Mamãe, assustada, desligou o radio, apagou o lampião e trancou a porta com a tramela. Silêncio total! Nem som de respiração havia.

Dali a pouco se ouviu uma pedrinha no telhado batendo e pulando de telha em telha; outra pedra, só que aí já aparentava ser uma pedrinha um pouco maior; outras mais, até que pareciam ser quase meio tijolo. Cessou o barulho das pedras, silêncio novamente.

Passos se ouve em direção a entrada da casa. Mamãe já estava com a Winchester apontada em direção à porta e falou com a voz firme e alta:

- Não coloque a sua mão na porta e não dê mais nenhum passo, pois eu atiro para matar.

Nisso se houve uma risada e as palavras:

- Deixa de ser medrosa, mulher, sou eu, o Orlando seu marido.

Mamãe abre a porta e diz para o papai não bobear, pois por pouco ela não havia atirado.

Meu pai, era muito brincalhão, estava voltando de uma das suas viagens à Santos (SP).



1949 – Primeira casa de Orlando Miguel Vicente em construção



12/10/1949 - Casamento da professora Maria Elisa Mendonça Vicente com Orlando Miguel Vicente em Monte Aprazível (SP)



1959 - Ostensório doado a Igreja de Santa Luzia pela professora Maria Eliza

Marco Antonio Mendonça Vicente reside em Fortaleza, capital do estado do Ceará.

Há 12 anos entrou em contato comigo após ver matéria publicada no site www.skalafm.org.br.

Através dele fizemos contato com suas primas Yvonne Vicente Geraldini e Célia Therezinha Vicente Vendramini que disponibilizaram material fotográfico e relatos que enriqueceram nossa história.

Por sua iniciativa e organização, mais de 20 pessoas da família Vicente, de diferentes pontos do Brasil, se deslocaram até Palmeira d'Oeste em 2023 por ocasião do aniversário da cidade.

A cidade reconheceu a importância deste fato, celebrando missa especial em louvor a Santa Luzia com a presença dos descendentes de Thomaz Vicente Vicente e em Sessão Solene a Câmara Municipal fez sua homenagem a família do fundador da cidade José Vicente Vicente e concedeu o título de Cidadã Honorária de Palmeira d'Oeste a Sra. Odair Vicente Bonfá, irmã de José Vicente Vicente.

Hermenegildo Jose Ferreira

ENCONTRO DA FAMÍLIA VICENTE

13/12/2023

PALMEIRA D'OESTE



**THOMAZ VICENTE VICENTE
JOANA GARCIA VICENTE**

É a raiz da família Vicente Vicente sob as bençãos de Nossa Senhora da Aparecida na Aparecida do Norte

Hermenegildo Jose Ferreira

É ou já foi:

Sapateiro;

Modelista de Calçados;

Comerciário;

**Administrador de Micro
Empresa;**

**Professor de Física e
Química da Rede Estadual
de Ensino do Estado de São
Paulo;**

Físico Nuclear;

**2º Tenente Médico
do Exército Brasileiro;**

**Médico Ginecologista e
Obstetra;**

Radialista;

Escritor;

Editor;

Uma Criança...

Um Adolescente...

Um Homem...

Um Velho...

Um Sonhador!

**1943 - As primeiras imagens do local
onde nasceu Palmeira d'Oeste foram
enviadas por Yvonne Vicente Geraldini,
filha do fundador José Vicente Vicente e
de Adelina Santa Geraldini Vicente.**

